



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

DANIEL DE SANT'ANA JUNIOR

**O Samba como elemento formador da identidade do Município de  
Nilópolis, relações e interações dos moradores com a Escola de  
Samba Beija Flor**

Duque de Caxias

2010

Daniel de Sant'ana Junior

**O Samba como elemento formador da identidade do Município de  
Nilópolis, relações e interações dos moradores com a Escola de  
Samba Beija Flor**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense,  
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Geografia

Orientadora: Prof. Dr. Simone Fadel

Duque de Caxias

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CEHC

S 232 Sant'ana Junior, Daniel de.

O Samba como elemento formador da identidade do Município de Nilópolis, relações e interações dos moradores com a escola de samba Beija Flor / Daniel de Sant'ana Junior. - 2010.

f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Simone Fadel.

Monografia (Licenciatura Plena em Geografia) –  
Faculdade de  
Educação da Baixada Fluminense, Universidade do  
Estado do Rio  
de Janeiro.

1. Escolas de samba – Rio de Janeiro (RJ). I. Fadel, Simone. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 394.

25(815.31)

Daniel de Sant'ana Junior

**O samba como elemento formador da identidade do Município de  
Nilópolis, relações e interações dos moradores com a Escola de  
Samba Beija Flor**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense,  
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Geografia

Data da aprovação: 16/12/2010

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Simone Fadel  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Paula Alves Duarte  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2010

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa conquista a meus pais, Daniel e Carmen, as minhas irmãs, Sandra e Solange, ao meu cunhado Maurício, e a minha namorada Camila. Obrigado por todo carinho, compreensão, paciência e apoio ao longo de minha jornada.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por sempre terem acreditado em mim e por terem me dado todo o apoio material e psicológico durante essa caminhada. A minha irmã pelas discussões acadêmicas e a minha namorada por ter sido companheira nos momentos mais difíceis.

A todos os amigos que em algum momento me apoiaram e me incentivaram durante essa jornada.

Aos professores do curso com os quais pude entrar em contato com elementos valiosos que contribuíram para a construção do meu conhecimento e por servirem de exemplo para a minha atuação profissional. A Professora Simone Fadel pela contribuição e paciência no processo de construção desse trabalho. Ao Professor Alvaro Ferreira pelas discussões sempre muito valiosas e enriquecedoras. E a Professora Lilia Seabra, ao ser para mim um exemplo de ética e profissionalismo.

Aos meus amigos de turma, que juntos pudemos caminhar e trocar experiências, e nos momentos mais cansativos pudemos trocar muitas risadas. Um abraço especial para: Bruno Perfeito, Marcelo Garrido, Daniel Fernandes, Zildete Escrevante, Vivian Mendonça, Bruna Patrocínio, Ingrid Beltron, Bruno Louzada, Ivan Aquino, Lúcio Flávio, Pedro Paulo Silva.

Obrigado a todos que dividiram esse momento comigo.

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo analisar a construção de um território simbólico a partir da identidade construída da relação entre os moradores do Município de Nilópolis e a escola de samba Beija Flor. Neste processo, buscamos demonstrar e analisar as dimensões que são fruto dessa formação territorial, onde as territorialidades assumem dimensões econômicas e do lugar. Para isso, buscamos demonstrar a forte significação que a Beija Flor possui dentro do território nilopolitano, apontando os interesses que ao longo do tempo direcionaram a construção de uma afetividade e de um sentimento de pertencimento à partir de relações que se apresentavam positivas na percepção do morador. Para a realização dessa obra foi feita uma revisão bibliográfica referente ao tema escolhido; ao Município de Nilópolis e a Beija Flor. Também foi feita pesquisa de campo, observação direta, além de realizarmos entrevistas qualitativas para embasar essa obra.

**Palavras chave:** Geografia Cultural, Beija Flor, Nilópolis, Território simbólico, Lugar.

## **ABSTRACT**

This study aims to examine the construction of a symbolic territory from the constructed identity of the relationship between residents and the city of Nilópolis and a place called “Escola de Samba Beija Flor”. In this process, we demonstrate and analyze the dimensions that are the result of this training area, where the territorialities take place and economic dimensions. For this, we demonstrate the deep meaning that the Beija Flor has in the territory of this city, pointing to concerns that over time have driven the construction of an affection and a sense of belonging from relationships that had positive perceptions of residents. To carry out this work was done a literature review concerning the chosen subject to the City of Nilópolis and Beija Flor. I was also done field research, direct observation, and conduct qualitative interviews to bolster the work.

**Keywords:** cultural geography, Beija Flor, Nilópolis, Territory symbolic, place.



## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 - Prédio da Estação ferroviária 1928.....	24
Figura 2 - Estação de trem de Nilópolis – 1928.....	25
Figura 3 - Primeira habitação de alvenaria construída em Nilópolis.....	26
Figura 4 - Substituição do nome da Estação para Nilópolis.....	28
Figura 5 - Sinagoga de Nilópolis.....	29
Figura 6 - Coretos montados nos carnavais de 1934 e 1935.....	31
Figura 7 - Desfile da Beija Flor 1976 – Sonhar com Rei dá Leão.....	39
Figura 8 - Desfile da Beija Flor 1989 – Ratos e Urubus Larguem a minha fantasia.....	42
Figura 9 - Carro abre-alias da Beija Flor 2007 – 10º título conquistado pela escola.....	43
Figura 10 - Mapa da Baixada Fluminense – 2009.....	46
Figura 11 - Via Light – Divisa do Município de Nilópolis com São João de Meriti, e divisa de Nilópolis e Divisa de Nilópolis com o Município do Rio de Janeiro.....	47
Figura 12 - Logotipo da Prefeitura de Nilópolis.....	47

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A GEOGRAFIA CULTURAL, A CATEGORIA DE TERRITÓRIO E A CATEGORIA DE LUGAR</b> .....	<b>11</b>
<b>1.1 – A origem da geografia cultural</b> .....	<b>12</b>
1.1.2 – A Geografia Saueriana.....	13
1.1.3 – A Crise na Geografia Cultural.....	15
1.1.4 – A Geografia Cultural Atual .....	17
<b>1.2 – As categorias de território e de lugar</b> .....	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2 - A HISTÓRIA DE NILÓPOLIS: 1634 – 1947</b> .....	<b>22</b>
<b>2.1 – A Fazenda de São Matheus</b> .....	<b>22</b>
<b>2.2 - De Engenheiro Neiva à Nilópolis: Ocupação e loteamento</b> .....	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 3 - A HISTÓRIA DO CARNAVAL CARIOCA E OS PRIMEIROS CARNAVAIS DE NILÓPOLIS</b> .....	<b>31</b>
<b>CAPÍTULO 4 - A EMANCIPAÇÃO DE NILÓPOLIS E A FUNDAÇÃO DA BEIJA FLOR: HISTÓRIAS TRAÇADAS, FORMADORAS DO TERRITÓRIO E DA IDENTIDADE NILOPOLITANA</b> .....	<b>34</b>
<b>4.1 - A Emancipação de Nilópolis e a Fundação da Beija Flor</b> .....	<b>34</b>
<b>4.2 - A Ascensão das famílias Abraão David e Sessim David ao poder e sua aproximação com a Escola de Samba Beija Flor</b> .....	<b>36</b>
<b>4.3 – As relações e percepções dos moradores de Nilópolis e a Beija Flor</b> .....	<b>44</b>
4.3.1 – Entrevistas.....	44
4.3.2 – Nilópolis Hoje.....	45
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>54</b>
<b>ANEXO A – ENTREVISTA COM O INDIVÍDUO “a”</b> .....	<b>57</b>
<b>ANEXO B – ENTREVISTA COM O INDIVÍDUO “b”</b> .....	<b>61</b>
<b>ANEXO C – ENTREVISTA COM O INDIVÍDUO “c”</b> .....	<b>64</b>

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho é fruto da minha vivência no Município de Nilópolis, a percepção da forte relação entre a escola de samba Beija Flor e os moradores do município, me despertou o interesse em desenvolver um trabalho acadêmico que visa demonstrar, analisar e melhor compreender a dinâmica, fruto dessa relação. Outro fator importante nesse processo de escolha foi a minha aproximação com a Geografia cultural, despertada pelo meu interesse na compreensão das manifestações culturais, em especial as manifestações presentes na área urbana, e de cunho popular.

Atualmente existem muitos trabalhos que versam sobre o samba. Porém, os encontramos em maior número relacionado à História e à sociologia, seguindo suas metodologias e seus objetivos. Na Geografia, o tema ainda é pouco explorado, sobretudo se considerarmos as múltiplas possibilidades oferecidas. O samba pode ser trabalhado na Geografia sob seu aspecto espacial; na construção de territórios e territórios simbólicos; na dimensão do lugar; nas relações de poder e seus interesses políticos, econômicos ou territoriais.

O Município de Nilópolis propõe um estudo geográfico por ser campo de uma manifestação cultural que eleva o seu nome internacionalmente. Além disso, o samba é objeto utilizado pelo poder local para a construção de um território simbólico, propondo ao morador atividades positivas, onde o mesmo se relaciona afetivamente com a escola de samba. Dessa forma, abordaremos a dinâmica de um município da Baixada Fluminense que possui aproximadamente 160 mil habitantes, e que ganhou notoriedade por ser sede da escola de samba Beija Flor.

O objetivo deste trabalho é demonstrar e analisar as relações e interações dos moradores de Nilópolis com a escola de samba Beija Flor. Nesse contexto analisaremos os interesses e planejamento que resultaram na construção de um território simbólico, onde a atuação do poder local molda e direciona as atividades em que o indivíduo se relaciona afetivamente, direcionando interesses políticos, sobretudo a manutenção do território.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está dividido em quatro capítulos. O primeiro versa sobre o arcabouço teórico e apresenta os conceitos para a realização do trabalho. Primeiramente foi feito um levantamento histórico da Geografia Cultural, trabalhando desde sua origem nas concepções de Geografia de Ratzel e La Blache. Posteriormente, apresentamos a concepção de Geografia cultural de Sauer, corrente

importante na formação de sua identidade. Em um terceiro momento é abordada a crise na Geografia Cultural e as propostas para a sua renovação, culminado com a apresentação da corrente atual da Geografia cultural, onde a pluralidade da utilização das categorias da Geografia torna os trabalhos bastante valiosos. Em seguida são apresentadas as categorias de território e de lugar, sob o ponto de vista dos autores: Marcelo Lopes de Souza; Rogério Haesbaert e Zeny Rosendahl, que serviram para embasar o presente estudo.

No capítulo 2, foi feito um levantamento histórico do Município de Nilópolis desde sua origem agrícola, dando enfoque na estrutura de produção que marcou a dinâmica do local nos séculos XVII, XVIII e XIX. Em seguida, demonstramos o processo de loteamento e os primeiros fluxos populacionais de Nilópolis, terminando no período pré emancipação, ocorrida em 1948.

No capítulo 3, buscamos demonstrar a origem das escolas de samba do Rio de Janeiro e a origem das festividades carnavalescas no Município de Nilópolis. Nesse contexto, foram abordados os processos anteriores ao surgimento das escolas de samba, nesse período, as elites e as camadas populares realizavam festejos distintos, onde a discriminação com as manifestações populares era muito intensa. Com isso, demonstramos a importância do surgimento das escolas de samba no combate a esse preconceito. Com o tempo, as escolas de samba trilharam um caminho que nasceu na discriminação e se reflete hoje em um dos maiores símbolos da imagem e identidade do Brasil.

O capítulo 4 é construído a partir do período de Emancipação do Município e da Fundação da escola de samba Beija Flor. Com a contribuição de um aporte teórico, demonstramos e analisamos a aproximação entre o poder local e a escola de samba, com o objetivo de criar uma identidade e um território simbólico. Encontramos nas obras de Marcelo Lopes de Souza e Rogério Haesbaert uma contribuição muito valiosa. Em seguida, abordamos as atividades e relações fruto dessa identidade, onde as entrevistas realizadas com os moradores contribuíram valiosamente no embasamento e nos exemplos práticos, que em conjunto com o embasamento teórico de Tuan e Zeny Rosendahl, nos oferece um campo de análise bastante vasto.

Dessa forma foi construída a estrutura do trabalho, a qual nos possibilitou explorar todos os objetivos propostos, a fim de demonstrá-los, analisá-los e melhor compreendê-los.

## **Capítulo 1: A Geografia Cultural, a Categoria de Território e a Categoria de Lugar**

A Geografia Cultural é considerada uma subdivisão da Geografia Humanística. Desde o final do século XIX, diversas foram suas conceituações. Entende-se que seu aprofundamento e desenvolvimento aconteceram paralelamente ao avanço da Geografia em si. Consideramos neste capítulo, a existência de quatro momentos da Geografia cultural. Cabe destacar que esses quatro campos serão apresentadas em ordem cronológica, porém, a criação ou existência de cada uma delas não anula ou invalida a anterior, ou anteriores. Apesar disso, sem o avanço ocorrido na Geografia Cultural, não obteríamos o aporte teórico para desenvolver esse trabalho, visto que em um momento passado, não encontraríamos trabalhos que versavam sobre a área urbana e que buscavam respostas e análises na complexidade e subjetividade dos elementos e manifestações culturais encontrados em nossa sociedade. Com isso, nesse primeiro capítulo, entendemos a necessidade de fazer um levantamento teórico para melhor compreender as primeiras abordagens culturais na geografia, seus avanços e desenvolvimentos até chegar aos dias atuais. Nesse processo, compreendemos ser fundamental conhecer o passado teórico da geografia cultural, para construir nosso trabalho pautado nas teorias mais atuais.

Com isso, os campos estarão divididas assim: O primeira buscava uma aproximação entre os modos de vida e uma herança cultural. O segundo trabalhava com as sociedades tradicionais e se utilizava bastante da categoria de paisagem. O terceiro rompe com a segunda abordagem, a criticando e propondo uma revolução, apontando um novo caminho, onde a cultura poderia ser abordada com outro enfoque e com outros objetos, além de enxergar no espaço urbano um campo a ser explorado. E o quarto momento, onde as manifestações mais complexas e suas subjetividades são trabalhadas, buscando compreender as manifestações culturais e entender as percepções individuais e de grupo. Além de trabalhar com uma multiplicidade de categorias, como: o espaço geográfico, lugar, território e paisagem. A divisão deste capítulo em quatro partes segue as diferenças das correntes citadas acima. Encontramos um modelo de divisão parecido em Corrêa (2003) e Claval (2007).

Em seguida abordaremos as categorias de território e de lugar, categorias essas escolhidas para dar suporte na compreensão da dinâmica do Município de Nilópolis, nos possibilitando alcançar o objetivo proposto na introdução do presente trabalho.

## 1.1 A Origem da Geografia Cultural

Segundo Corrêa (2003), o termo “Geografia Cultural” foi utilizado pela primeira vez na Alemanha por Ratzel no final do século XIX, influenciado pela Geografia de Humboldt e Ritter, a qual baseavam-se na descrição do meio natural. Ele aponta que Ratzel começa a considerar que as repartições dos grupos humanos merecem um estudo aprofundado, sendo assim, ele propõe uma nova divisão na Geografia, a antropogeografia. Essa viria a descrever as áreas e estabelecer as causas que promoveram a distribuição dos homens na superfície terrestre.

Corrêa (2003) relata ainda que Ratzel apontava que as relações do homem com o meio estão diretamente influenciadas pelas técnicas que as civilizações dominam, fator esse que diferenciaria um povo dito primitivo e outro considerado civilizado. Claval (2007) aponta que as idéias de Ratzel promoveram um grande avanço, visto que a Geografia da época era meramente descritiva e não levava em consideração o homem nesse processo.

Ratzel reconhece nos povos um atributo que pertence a sua essência, a mobilidade. Eles dominam as técnicas que asseguram sua adaptação ao meio próximo e dependem da história e do nível de desenvolvimento. A geografia concebida por Ratzel atribui um lugar importante aos fatos de cultura, porque se vincula aos meios de aproveitamento do ambiente e aqueles estabelecidos para facilitar o deslocamento. Mas esta cultura é sobretudo analisada sob os aspectos materiais[...] As idéias que a subentendem e a linguagem que a exprimem não são mais evocadas. (CLAVAL, 2007, p. 22)

Apesar de ser considerado um grande avanço para a época, Ratzel levava em consideração apenas os saberes e as técnicas das civilizações, dando uma ênfase materialista a seu trabalho, deixando de lado as crenças e os valores. Porém, não caberia por parte dos geógrafos uma crítica mais pesada por isto, visto que a Geografia da época era meramente descritiva.<sup>1</sup> Ela abordava elementos que objetivava uma simples compreensão de paisagem e dos elementos cartográficos. Outro grande autor da geografia alemã a falar em cultura foi Otto Schluter<sup>2</sup> que ao definir a paisagem como objeto da Geografia, considera os diferentes modos culturais na modificação da paisagem. Claval (2007, p. 24) aponta que para Schluter: “é a marca que os homens impõem à paisagem que devem ser estudados e considerados como cultural na geografia”. Já Ratzel, como mencionado anteriormente considerava os artefatos

---

<sup>1</sup> A geografia descritiva tinha por objetivo apenas descrever as áreas estudadas, geralmente considerando seus aspectos físicos e utilizando o método comparativo entre as áreas. Os grandes expoentes dessa corrente foram Alexander von Humboldt e Carl Ritter.

<sup>2</sup> Otto Schluter (1872 – 1959) se contrapõe a simples descrição da geografia, em sua clássica obra, em 1907, ele define a paisagem como objeto da Geografia, considerando as relações entre o homem e a natureza.

utilizados para a dominação do espaço. Vê-se então uma clara divisão entre a cultura que modifica o meio, e a cultura que promove a dominação.

Outro grande geógrafo que contribui para a Geografia cultural foi o francês Vidal de La Blache, que acreditava que a geografia deveria analisar e explicar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente que eles habitavam. A paisagem seria apenas um meio para aprender a organização regional do espaço. Seu estudo focava na adaptação dos grupos humanos às condições ambientais, traduzindo em um modo ou gênero de vida. (CLAVAL, 2007)

O gênero de vida aparecia como uma solução ao problema de extrair do meio ambiente o que se necessitava para comer, vestir-se, proteger-se do vento, da chuva, do frio e para dispor de ferramentas diversas. O gênero de vida aparecia como um conjunto de técnicas e hábitos. (CLAVAL, 2007, P. 149)

Para La Blache, a adaptação de um grupo ao meio ambiente dependia de três elementos: as técnicas produtivas; as técnicas de transporte e dos hábitos de grupo. Claval (2007) ressalta que esses três elementos pertencem à esfera da cultura. Dessa forma, mesmo sem nunca mencionar a cultura em seus trabalhos, a mesma possuía um lugar central na concepção de disciplina de La Blache. Claval (2007, p.149) aponta ainda que “ele sublinhou o papel da ‘força do hábito’ que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida”. Considerando assim, os gostos e hábitos dos indivíduos e grupos que migravam e buscavam reproduzir em outros lugares esses hábitos, mesmo que em condições de tempo ou de solo adversas.

### **1.1.2 A Geografia Saueriana**

Nos Estados Unidos, no final do século XIX e início do século XX, a geografia se preocupava basicamente com as representações cartográficas e com as coletas de dados, ignorando quase que totalmente a cultura. Porém, Carl O. Sauer se destaca de seus contemporâneos, ao abordar a questão cultural na Geografia. Sauer trabalhava na Universidade da Califórnia, em Berkeley, suas obras alcançaram tal importância na difusão da Geografia cultural que hoje seus trabalhos e de seus discípulos são considerados como oriundos da escola de Berkeley. Apesar da importância para a época, ao acompanhar os preceitos da Geografia, não tardaria as críticas as suas obras, por tratar basicamente de assuntos peculiares as sociedades tradicionais, geralmente pautadas no passado.

Diz Corrêa (2003, p.19)

A geografia de Sauer e de seus discípulos esteve calcada no historicismo. Assim, havia uma ênfase, apoiada na crença de sua importância. Na diversidade cultural; valorizava-se o passado em detrimento do presente, assim como a contingência e a compreensão. Os estudos focalizavam especialmente as sociedades tradicionais, pouco reportando as sociedades urbano-industriais

A geografia Saueriana buscava compreender como os grupos humanos se distribuíam no espaço e como se relacionavam com a paisagem, considerando seus efeitos e transformações. Porém, Sauer avança na temática, como Claval (2007, p.31)

Como seus contemporâneos, Sauer vê a cultura, primeiramente como o conjunto de instrumentos e de artefatos que permite ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai mais longe que eles: a cultura é também composta de associação de plantas e animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo

Philip L. Wagner e Marvin W. Mikesell (2003), discípulos de Sauer apontam a existência de cinco conceitos para se trabalhar a Geografia cultural. A primeira delas é a cultura, que é considerada por eles como “uma chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens”, no entendimento deles, esse conceito serve para classificar os seres humanos de acordo com suas características em comum. Já o conceito de área cultural se preocupava com a distribuição e delimitação da cultura em determinada área. Além de ser um conceito simplório e de caráter homogêneo, muitas vezes essa delimitação se dava onde findava o território habitado, o que tornava tal pensamento bastante previsível. Podemos relacionar esse conceito com a definição mais primária do conceito de região, que na Geografia tradicional, classificava áreas através de suas características físicas ou de produção.

O terceiro conceito abordado por eles é a paisagem cultural que segue a linha do conceito anterior, porém busca a resposta na cultura para apontar mudanças e desvios da condição natural em determinados locais. Com isso, as diferenças de conduta eram o ponto principal para entender as modificações na paisagem. A História da cultura, quarto conceito, buscava levantar fatos a partir do passado, para que pudessem levantar as diferentes características dos povos que habitaram determinado local, buscando conexões entre o passado e o presente, além de comparar as características de uma área com as características de outras áreas. O último conceito é o de ecologia cultural que busca nos indivíduos e nas ações que esses promoveram a criação e transformação de paisagens. É a busca para entender como o indivíduo modifica a paisagem, diferente de história da cultura, que se preocupa com a sequência dos fatos.



Apesar do modo tradicional em sua abordagem, a escola de Berkeley foi de vital importância para a ciência da época difundindo a utilização da cultura na Geografia. Com isso a percepção cultural contribuiu para o melhor entendimento das mudanças e transformações na sociedade e nas paisagens.

Esses foram os diversos modos em que a cultura foi trabalhada em sua abordagem tradicional, encontramos em Claval (2007, p. 40) um excelente resumo das diferentes atuações e concepções de cultura nas principais escolas.

De um país a outro, as orientações diferem. Os alemães são os primeiros a colocar o foco nos utensílios, nas técnicas e nas paisagens. Demonstram, através de suas análises da morfologia do visível[...] Os americanos devem a Sauer o fato de ter destacado o impacto das culturas sobre o componente vivo, vegetal e animal, das paisagens. Os franceses imaginam, com a noção de gênero de vida, um instrumento flexível, que evite colocar entre parênteses tudo aquilo que se passa entre os homens e a paisagem.

### **1.1.3 A Crise na Geografia Cultural**

Por causa do seu modo tradicional e historicista, a Geografia cultural começa a ser questionada a partir dos anos 60 do século XX. Os críticos apontam que ela está ultrapassada e acabam a condenando ao desaparecimento, a discussão que norteava as críticas eram pautadas no conceito de cultura, e na sua atuação como uma entidade supra-orgânica que estava acima e indiferente aos seres humanos. A cultura era compreendida como uma força externa que condicionava as ações dos indivíduos e não permitia margem para atitudes ou comportamentos fora dos padrões da cultura vigente. A década de 70 marcou o período de grandes transformações na geografia, onde o marxismo e as novas concepções de estudo que tinham foco no espaço geográfico deram contornos críticos a disciplina. Com isso, a geografia cultural acompanha essas transformações, Duncan já na década de 80 assumiu um papel importante nas críticas que visavam ultrapassar um paradigma já esgotado. Duncan foi um dos personagens importantes no processo de mudança que a Geografia cultural viria ter, mudanças essas que colocariam no centro dos estudos as questões urbanas e suas subjetividades.

Na medida em que os geógrafos culturais consideram que a cultura seja uma força determinante, outros tipos de explicação não parecem ser necessários. Por isso, muitas questões importantes são excluídas. Existe pouca ou nenhuma tentativa de acharmos evidência empírica de processos através dos quais os padrões culturais são gerados. (DUNCAN, 2003, P. 78)

Duncan também critica duramente a tendência da abordagem da internalização da cultura e a homogeneidade<sup>3</sup> presente na Geografia cultural até então. Ele foi muito importante por levantar essa bandeira crítica e apontar a fragilidade dos conceitos e atuação que a Geografia cultural possuía até então. O autor abriu as portas para que novas críticas surgissem e novas soluções e idéias fossem apontadas.

As críticas que apontavam as falhas, e as propostas de modificações da Geografia cultural surgiram em uma época que o mundo passava por uma grande transformação. Nas décadas de 1970 e 1980, se observava uma maior fluidez nas relações entre a parte desenvolvida da Europa e os Estados Unidos, o que tornou os estudos sobre determinadas tribos tradicionais e grupos considerados homogêneos ultrapassados. Até então pouco se olhou para a cidade, e ela era o lócus das maiores transformações que estavam eclodindo. Com isso, a Geografia Cultural foi condenada ao desaparecimento, sob o motivo de que os novos modos de vida, as modificações econômicas, a expansão das comunicações e dos meios de transporte dissolveriam as sociedades homogêneas, acabando com os objetos de estudo da Geografia cultural. Para se reerguer dessa crise era necessário um novo modelo, com novas idéias e novas estratégias, a crise na Geografia Cultural estava instalada.

Denis Cosgrove (2003) foi bastante importante nesse processo de renovação da Geografia Cultural. Ele a aproximou das discussões marxistas, que desde os anos 70 aparecem como a ordem mais debatida da Geografia, criando assim uma síntese, de como a Geografia cultural e a marxista poderiam ser trabalhadas. Com isso ele propõe uma Geografia cultural radical, que rompia totalmente com a cultural mais tradicional e homogênea.

Cosgrove defendia que a produção e a reprodução da vida material era uma arte coletiva sustentada por códigos de comunicação, levando em consideração todo um aspecto simbólico. Em sua noção de linguagem, ele considerava não só a linguagem formal, mas também os elementos informais como: “o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, pintura, a dança, o ritual, a cerimônia e as construções” Cosgrove (2003).

Com isso, ele critica o modelo anterior ao não levar em consideração suas subjetividades:

Pouco se ganha ao se tentar uma definição precisa de cultura. Fazê-lo implica sua redução a uma categoria objetiva, negando sua subjetividade essencial. Nenhum grupo humano

---

<sup>3</sup> Duncan critica a forma de entender a cultura como algo a ser internalizado pelo indivíduo. Sob esse ponto de vista, o indivíduo adotava inconscientemente determinados padrões, idéias e atitudes de sua sociedade, e as considerava como suas. Criando uma concepção de cultura hegemônica, onde todos os indivíduos, sejam eles de gênero, classe social, idade, ou nível de instrução diferentes viriam a integrar o mesmo bloco cultural.

considera seu mundo vivido como uma produção cultural, exceto a burguesia ocidental que criou o conceito de cultura. COSGROVE (2003, P. 103)

Em conjunto com seu parceiro Peter Jacksson eles apontam um novo rumo para a Geografia cultural, aonde o social, e a preocupação com o lugar viriam a ser introduzidos, aumentando o campo de estudo, que até então era pautado basicamente no estudo das paisagens.

A partir daí os trabalhos da geografia cultural começavam a levar em consideração as relações subjetivas e suas interações com o ambiente, além disso, a fluidez de pessoas desperta na geografia cultural o entendimento de que era necessário compreender os novos modos de vida e os problemas culturais que se caracterizavam e os que viriam a surgir. Hoje a geografia cultural abarca diversos temas que ajudam a compreender o comportamento do homem e sua relação e interação com a sociedade e com o meio. E desse modo foi vencida a crise, surgindo um novo contexto para a Geografia Cultural, e daí a sua renovação.

Claval (2007) aponta que com a globalização, tornando os hábitos entre as diversas sociedades parecidos e com as técnicas demasiadamente uniformes, são as representações até então negligenciadas que despertam o interesse em ser estudadas. Isso possibilitou a criação de um novo paradigma, onde não mais as sociedades homogêneas seriam estudadas, mas sim as subjetividades que ajudam a formar as sociedades atuais. Ele aponta ainda que “os lugares não tem somente uma forma, uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os freqüentam”. (CLAVAL, 2007, p. 55).

Após superar esta crise, a Geografia cultural encontrava na pluralidade das sociedades um campo vasto para seus estudos. Surge aí a possibilidade de uma nova compreensão das sociedades que têm a cidade como seu principal campo de estudo, considerando suas tribos e grupos como objetos desse estudo. Estava assim construída a transição entre a Geografia cultural tradicional e a nova Geografia Crítica. A partir daí novos trabalhos surgiriam sob essa nova ótica.

#### **1.1.4 Geografia cultural atual**

Atualmente, o número de trabalhos provenientes da Geografia Cultural é crescente em todo o mundo. A necessidade em compreender as subjetividades, os simbolismos e os elementos culturais que norteiam a dinâmica urbana, e os lugares simbólicos contribui para que a Geografia cultural seja difundida e valorizada. Os trabalhos versam sobre diversos

temas, o que contribui para a compreensão de tribos, grupos e manifestações culturais que podem ser próprias a pequenos vilarejos ou que tenha um alcance maior.

Corrêa (2003) aponta que no Brasil, a Geografia Cultural ainda não possui o destaque merecido. Apesar da sua pluralidade cultural ainda são poucos os trabalhos produzidos. Os efeitos da escravidão e os imigrantes que chegaram de toda a parte trouxeram para o Brasil diversas manifestações culturais, que muitas vezes foram adaptadas para a cultura local e/ou se misturaram com outras manifestações. Com isso, o Brasil propõe um campo vastíssimo para tais estudos. As Escolas de Samba do Rio de Janeiro e as relações que elas promovem com seus moradores é um deles. Dessa forma compreendemos ser muito valioso tal estudo que abarca uma manifestação oriunda das favelas cariocas, que tem em sua origem a África, e que ganhou destaque e importância, não só no carnaval carioca, mas como símbolo da identidade do Rio de Janeiro. Encontramos em Nilópolis a oportunidade de analisar essas relações, visto que o município possui uma identidade construída através da relação com a escola de samba.

A Geografia Cultural brasileira possui alguns expoentes que construíram teorias e trabalhos práticos de muito valor. Dentre esses autores podemos destacar Roberto Lobato Corrêa (2003), que em seus trabalhos buscam nos elementos simbólicos e culturais a contribuição para desvendar a dinâmica urbana de nossa sociedade. Outra autora de destaque é Rosendahl (2003) que em um de seus trabalhos destaca a questão do sagrado e do profano das religiões sob três aspectos, a dimensão econômica, a dimensão política e a dimensão do lugar. Esses autores organizaram a publicação do livro “Introdução à Geografia Cultural”, que trata a Geografia cultural desde a sua origem, passando pela crise, renovação e terminando com a publicação de suas obras. Esse livro é bastante valioso na compreensão da Geografia cultural desde sua origem até a atualidade, e foi muito importante na construção dessa presente obra. Outras obras também merecem importância, como as de João Baptista Ferreira de Mello, o autor constrói um excelente trabalho sobre a música, na ótica dos compositores cariocas da música popular brasileira, abordando como esta serve de exaltação ao lugar, crítica as mazelas e protesto.

A Geografia Cultural nos permite a liberdade da utilização de várias categorias da Geografia. Entre elas: o espaço geográfico, bastante utilizado pelos autores citados acima; a paisagem, que pode ser trabalhada através das mudanças sociais e também em âmbito ambiental e a categoria de lugar, que tem a flexibilidade de dialogar com quase todas as perspectivas de trabalho na Geografia Cultural. Cabe ressaltar que poderíamos optar por essas ou outras formas para a composição deste trabalho, porém, encontramos na categoria de

território, uma base conceitual que nos permitirá trabalhar a identidade do Município de Nilópolis de uma forma mais valiosa e crítica, e a categoria de lugar, onde poderemos perceber e compreender as relações mais afetivas construídas pelos indivíduos e grupos sociais.

## **1.2 As categorias de Território e de lugar**

As categorias citadas foram escolhidas por se encaixarem na construção teórica e prática do presente trabalho. Cabe destacar que as mesmas são bastante utilizadas na Geografia Cultural atual. O que nos permite a utilização dessas categorias que são tão comuns a outras divisões da Geografia, como os estudos da área urbana ou ambiental, tal quanto no estudo cultural. Dessa forma, buscamos através da compreensão histórica da categoria de território e de lugar, aplicá-las conforme os preceitos e conceitos da geografia cultural atual.

A categoria de território começou a ser discutida e empregada na maioria das vezes para delimitar e definir a soberania das áreas, discutindo estratégias políticas e de legitimação. Souza (2007, p. 78) aponta que o território sempre esteve, e está ligado ao poder. Porém, nem sempre esse poder se instaura através da força bruta, violenta. Contudo, na história do mundo, foi bastante comum encontrarmos governos absolutistas, ou grupos que lideravam e que mantinham a “ordem” através da coerção. Em outros casos, o poder se instaurou através da democracia. Como exemplo próximo, no Brasil, uma estrutura de poder que funciona sob a utilização da força bruta, pode ser claramente percebida no processo de dominação das favelas cariocas pelos traficantes dos diversos comandos. Porém, esse modelo, através da força não é o único modo de formação de territórios, a composição do poder também pode ser exercida através da cultura, onde a aproximação de quem almeja o poder e quem se deixa ser comandado prevalece. Souza (2007) demonstra ainda que para que isso ocorra, deve haver duas pontas nessa estrutura, a que comanda e a que deixa ser comandada.

Já categoria de lugar está diretamente ligada ao sentimento que o indivíduo nutre por seu espaço, seu território. Diversas manifestações podem criar esse sentimento, onde o espaço geralmente é carregado de simbolismo e significação, criando uma espécie de identidade. Dentre as possibilidades de exaltação podemos destacar: os aspectos significativos da paisagem; manifestações religiosas que tornam o espaço sagrado, entidades esportivas que elevam o nome do local, além de uma infinidade de outros exemplos. Dada a complexidade da significação para os indivíduos, poderíamos citar outros tantos exemplos de lugar em nossa

sociedade e mundo afora. Porém, no presente trabalho, o lugar será utilizado para dar sustentação ao estudo de um Município que se destaca perante aos seus vizinhos da Baixada Fluminense por ser sede de uma escola de samba, onde a mesma provoca no morador uma espécie de orgulho e sentimento de pertencimento por elevar o nome da cidade a nível nacional e internacional. Porém, o lugar não é uma categoria vazia de relações, será necessário abordar que o mesmo é apenas uma ponta, que se relaciona a todo momento com os aspectos políticos, que são formadores do território. Dessa forma, território e lugar se relacionam, proporcionando múltiplas percepções para os habitantes, onde a cultura ganha destaque, se tornando o fator principal da estrutura política, social e afetiva do Município de Nilópolis.

Outra grande contribuição de território para a composição desse trabalho vem de Haesbaert, que demonstra como pode transparecer a composição do território:

Em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto de dominação quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. (HAESBAERT, 2005, p. 6774)

Haesbaert dessa forma aponta que existem duas formas estruturando a formação dos territórios, um Funcional que se utilizam dos processos de dominação e um Simbólico que se apropria do lugar através de sua cultura, ou manifestação cultural. Cabe ressaltar que as duas não funcionam isoladas, mas sim em conjunto. Em nosso trabalho, abordaremos esse conceito para demonstrar a relação existente entre a Escola de Samba Beija Flor e o Município de Nilópolis.

A utilização da categoria de lugar, cresceu bastante nos trabalhos geográficos, porém, suas definições e discussões datam os anos de 1960 e 1970, onde Tuan apud Rosendahl (2003) já nos anos 70 apontava que podemos sentir o lugar através da felicidade. Outro modo de conceber o lugar é através de uma variedade de emoções, atingindo a profundidade da alma individual. Otto apud Rosendahl (2003). Porém, a definição que melhor se aproxima do tema trabalhado é o de Durkheim apud Rosendahl (2003), onde o lugar pode ser percebido e construído como representação coletiva da sociedade. Seguindo essas definições, este trabalho buscará demonstrar e analisar as diversas relações que envolvem o convívio entre o morador de Nilópolis e a Escola de Samba Beija Flor.

Nesse sentido, na composição do presente trabalho se busca investigar como as territorialidades se apresentam em Nilópolis, e para isso optou-se pela realização de

entrevistas para verificar as relações que os moradores possuem com a escola de samba Beija Flor e como e quanto essa significação alcança o lugar.

A ausência de um aprofundamento do trabalho em relação à categoria de espaço se justifica pelos objetivos propostos. Contudo estará presente a utilização de diversas concepções provenientes das discussões sobre o espaço geográfico, porém, o foco do trabalho está na formação de um território simbólico e na relação afetiva que os moradores mantêm com este território.

Dessa forma, compreender a origem e os avanços da geografia cultural e das categorias de território e de lugar nos possibilitou um entendimento que nos permitiu fazer a relação entre as mesmas. Assim como nos permitirá a utilização das categorias sob um enfoque cultural atual no processo de construção desta obra, demonstrando e analisando a dinâmica do Município de Nilópolis e sua relação com a Beija Flor.

## **Capítulo 2: A História de Nilópolis: 1634 – 1947**

Neste capítulo foi feito um levantamento histórico da área que hoje se localiza o Município de Nilópolis abordando um período histórico anterior a emancipação do Município (1947) e da fundação da Beija Flor (1948). Com isso, Nilópolis é abordada em dois momentos: O primeiro relata a fundação e a dinâmica da Fazenda de São Matheus, e o segundo aborda o loteamento, a ocupação e os fluxos populacionais que contribuíram para compor e desenvolver o local. As principais fontes que contribuíram para compor o capítulo são: Marcus Antônio Monteiro Nogueira, Maurício de Almeida Abreu e Roberto Lobato Corrêa.

### **2.1 A Fazenda de São Matheus**

A região onde hoje se situa a Baixada Fluminense tem em sua origem uma realidade agrícola. Durante a sua colonização a região se apresentou como campo favorável e interessante para a instalação de fazendas, essas promoviam a plantação de cana de açúcar e de laranjais, o que proporcionava o sustento alimentar local e a exportação. Um fator facilitador para isso são os rios existentes, que na época eram navegáveis e facilitavam o escoamento da produção, possibilitando assim a funcionalidade das fazendas, e tornando o local bastante propício a instalação das mesmas. Dessa forma, Nogueira (1987, p.4) afirma:

pelas águas do Meriti, do Serapoi, do Iguassú, do Pilar e outros é que foram subindo os desbravadores. Ao longo de suas margens é que foram se alinhando engenhos e fazendas e, por eles é que descia para o Rio de Janeiro a produção agrícola do reconcavo.

A fazenda de São Matheus, fundada em 1634 se localizava onde hoje se situa o Município de Nilópolis. Em seus limites encontravam-se os rios Meriti e Serapoi (atual rio Sarapuí). A principal produção econômica do local acompanhava a dinâmica de exportações brasileiras: São Matheus tinha na cana de açúcar seu principal produto, e a produção de aguardente como atividade secundária. Diferente da maioria das fazendas da região, os rios que cortam a Fazenda de São Matheus não eram utilizados para escoar as mercadorias.

São Matheus era uma das poucas fazendas que não se utilizava dos rios como estrada para transporte de sua produção, preferindo o lombo de burro através de uma estrada chamada de São Matheus e que se iniciava onde hoje se encontra a Praça Paulo de Frontin, no centro de Nilópolis [...] em direção ao porto da Pavuna (NOGUEIRA, 1987, p. 10)



Até o século XIX, a região da Baixada Fluminense era composta por freguesias<sup>4</sup>, a fazenda de São Matheus pertencia a Freguesia de São João Batista de Meriti. Contudo, em 1833, essa estrutura sofreu uma grande transformação. A Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Iguassú por possuir uma melhor estrutura básica, e uma estrutura política mobilizada, conquistou a elevação para a categoria de Vila. Dessa maneira, as demais Freguesias passaram a constituir sua jurisdição. Dentre essas Freguesias, a de São João Batista de Meriti, onde se localizava a Fazenda de São Matheus. Dessa forma, São Matheus (atual Nilópolis) que já pertencia a Meriti, agora tinha um comando maior, já que Meriti agora passava a pertencer a Iguassú. Esse fato viria a tornar ainda mais longo o caminho da emancipação de Nilópolis, ocorrida no século seguinte. ( NOGUEIRA 2009)

O século XIX foi marcante pelo invento e implementação das locomotivas a vapor e estradas de ferro. Em meio à revolução industrial européia, ela foi muito importante para encurtar distâncias de pessoas e para escoar a produção das fábricas e indústrias, esse novo advento proporcionou o crescimento e o desenvolvimento das cidades que ela cortava, visto que aos olhos da população, onde passava a ferrovia passava o progresso.

Cerca de meio século depois das primeiras ferrovias inglesas, ocorre em Petrópolis à inauguração da Estrada de Ferro Barão de Mauá, a primeira do Brasil. Quatro anos mais tarde é inaugurada a Estrada de Ferro D Pedro II, localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, a mesma viria a possibilitar com que os homens modificassem totalmente as relações locais. Ela foi implementada para contribuir com o escoamento da produção de café e circulação de pessoas, porém, a instalação desse novo objeto modificou o uso e costumes da sociedade, transformando totalmente as relações e a dinâmica de toda a região metropolitana do Rio de Janeiro. Nesse contexto, não podemos cair na simplicidade de colocar no objeto a responsabilidade da transformação espacial. Santos (1997) alerta, que em muitos casos as técnicas são abordadas pelos geógrafos como se não fossem parte do território, ele define as técnicas como:” Um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. (SANTOS, 1997, p. 25). Com isso devemos ressaltar que a ferrovia por si só não transforma o espaço, mas sim a utilidade que os indivíduos dão a ela. É notório que o mesmo objeto ao ser instalado em locais diferentes, possibilitam espaços diferentes, visto que as técnicas de cada espaço e a cultura local diferem uma das outras. Devemos observar também que muitos objetos e formas tiveram que ser adaptados a nova dinâmica que a ferrovia propunha. A implementação dessas novas técnicas

---

<sup>4</sup> Freguesia era a menor divisão administrativa na constituição, até o início do século XX.

foram tão intensas que muitas novas formas foram criadas e formas antigas foram adaptadas e receberam novas funções. Santos (1985) ressalta que a inter-relação das formas, funções, a estrutura e o processo é fundamental para a composição e análise do espaço geográfico. Santos (1997) aponta também que em uma análise se deve relacionar os sistemas de objetos e as ações, nesse caso, como visto anteriormente é na interação entre o funcionamento da estrada de ferro e o uso que a população lhe dá que provocou o crescimento e desenvolvimento dos locais onde a estrada de ferro passou.

A estrada D. Pedro II tinha sua principal Estação na Freguesia de Santana (onde se localiza atualmente a Central do Brasil) Figura 1, e terminava em Queimados, hoje se prolonga até Japeri.



Figura 1: Prédio da Estação ferroviária 1928 Acesso em: <http://saibahistoria.blogspot.com> (02/11/2010)

Abreu (2010) aponta que os trens promoveram uma acelerada transformação das freguesias do subúrbio, as mais próximas como Cascadura e Engenho Novo já mantinham relações constantes com o Centro, e a implementação dos trens acelerou ainda mais essa dinâmica. Porém, as Freguesias mais afastadas como a de Jacutinga e de Meriti possuíam uma população isolada e esparsa e a implementação dos trens foi de vital importância para que ocorresse a integração com o Centro. Apesar do imediatismo das transformações promovidas pelos trens, a mesma ocorreu de uma forma mais lenta na região onde hoje se situa a Baixada do que nos subúrbios mais próximos ao Centro. Contudo, nessa dinâmica, São Matheus deixava de ser isolada do grande centro, para se tornar integrada na dinâmica de produção e circulação de produtos e mercadorias. Cabe ressaltar que a ferrovia foi importante não só para o escoamento de mercadorias, mas possibilitou a execução do projeto do Prefeito Pereira Passos, onde a ferrovia foi peça fundamental para a expansão da Cidade para o Subúrbio, promovendo a instalação de fábricas e indústrias ao redor das Estações e a “expulsão” da

população menos provida economicamente para essas áreas, despovoando assim o Centro da cidade e elegendo a Zona Sul como a região que viria a receber os maiores investimentos e cuidados.

Podemos perceber que a Estrada de ferro foi de extrema importância no crescimento e integração dessa região da Baixada Fluminense, e possibilitou mais tarde o crescimento e desenvolvimento de Nilópolis. Porém, em decorrência de alguns fatores, tais como a abolição da escravatura em 1888, a Fazenda de São Matheus foi praticamente abandonada. Por não haver mais a mão de obra escrava, nem o interesse em se manter a estrutura vigente com base no trabalho assalariado, São Matheus abandonava sua função de origem. Com isso a fazenda foi hipotecada alguns anos depois, e em 1900 foi vendida pelo 2º Barão de Mesquita a Lazaro de Almeida e João Alves Mirandella. Com os novos donos, a Fazenda foi utilizada inicialmente para a criação de alguns animais, e em 1914, foi iniciado o seu processo de loteamento. (NOGUEIRA, 2009)

## **2.2 De Engenheiro Neiva à Nilópolis: Ocupação e loteamento**

Em 1913, o proprietário da Fazenda de São Matheus, João Alves Mirandella, por sugestão do Capitão Theodomiro Gonçalves Ferreira fez o levantamento da planta a fim de promover o loteamento, as classes menos favorecidas eram o público alvo da venda, visto que o local possuía uma estrutura bastante precária e era assolado constantemente por doenças, em especial a malária. (NOGUEIRA, 2009)

Em 1914, ocorreu o loteamento, propagandas nos jornais cariocas convidavam a todos para desfrutar do que a terra oferecia, os preços baixos e a possibilidade de se cultivar alimentos eram o grande atrativo. No mesmo ano, é inaugurada a Estação ferroviária (Figura 2), que é batizada de Engenheiro Neiva, ela foi primordial para o aumento populacional.



Figura 2: Estação de trem de Nilópolis – 1928. Acesso em: <http://www.cemobafluminense.com.br/cemobafotos/displayimage.php?album=2&pos=0>

Além disso, eclodia a primeira guerra mundial na Europa, e os efeitos no Brasil foram imediatos. Ocorreu dessa forma o encarecimento dos alimentos e a diminuição do poder aquisitivo da população do estado do Rio de Janeiro. Esses problemas, somado as dezenas de milhares de operários e comerciantes sem trabalho na cidade do Rio de Janeiro fizeram com que Engenheiro Neiva, que ainda mantinha uma realidade agrícola fosse vista como a solução para algumas dessas famílias, que ao dar uma pequena entrada, se mudavam para o local e construía precárias habitações (Figura 3) começando assim a cultivar alimentos para suprir suas necessidades. Dessa forma ocorreu o primeiro fluxo de ocupação de Engenheiro Neiva. (NOGUEIRA, 2009)



Villa Emma, primeira casa de alvenaria construída pelo Coronel Júlio de Abreu, em 1914, após o loteamento da Fazenda São Matheus.

Créditos: Baixada Fluminense - Memória Fotográfica

Figura 3: Primeira habitação de alvenaria construída em Nilópolis. Baixada Fluminense - Memória fotográfica.

Porém, todo esse processo, ocorreu sem que houvesse qualquer tipo de saneamento básico. E em decorrência da precariedade e da ocupação desordenada, com as chuvas de 1916, ocorreu uma grande enchente no Rio de Janeiro e a região da Baixada foi muito atingida, esse desastre natural ocasionou uma grande destruição de casas, de plantações e a morte de animais, essa situação era de certa forma previsível, a considerar a falta de estrutura e investimento para sanar os problemas mais básicos. Esse acontecimento foi determinante para que ocorresse um fluxo populacional inverso ao que estava ocorrendo até então. Muitos moradores, principalmente os de maior poder aquisitivo, abandonaram o local e voltaram para o subúrbio mais próximo do centro do Rio. As famílias menos abastadas e que perderam as suas casas não reuniam condições para abandonar o local e acabaram herdando as casas abandonadas pelas famílias mais abastadas que partiram.

Passado o dilúvio, e amenizada a imagem negativa proporcionada por ele, Engenheiro Neiva começa a crescer, empreendimentos particulares chegam ao local, entre eles a Companhia Carril de Melhoramentos Iguassú, que traz os bondinhos movidos á burro, que como demonstra Abreu (2010) foi o meio de transporte símbolo da expansão populacional da Zona Sul do Rio de Janeiro. Engenheiro Neiva foi a única localidade da região a possuir os bondes. O que gerava uma espécie de orgulho, principalmente após o antigo Presidente do Brasil, Nilo Peçanha ter andado neles, em sua primeira visita. Porém, os bondinhos não duraram muito, logo foram abandonados e “substituídos” por uma frota de ônibus. (NOGUEIRA, 2009)

Em 1916, o poder local, com o objetivo de trazer a água potável e promover a drenagem dos rios, cria um grupo político denominado de Bloco Progresso de Nilópolis. A escolha do nome, em homenagem ao ex-presidente e então Governador Nilo Peçanha buscava dar ao bloco um peso e uma importância na luta por seus objetivos. Esse bloco era composto por coronéis, políticos e empresários locais, e funcionava como um bloco político, que visava às melhorias do local, sem deixar de se preocupar com seus interesses pessoais, o bloco teve uma importância vital para que ocorressem diversas melhorias em Nilópolis. Em sua atuação sempre ativa, o bloco propôs ao então Governador uma visita ao local. Ainda em 1916, Nilo Peçanha visitou “Nilópolis”, essa visita mobilizou muito o poder e a população em geral, que providenciaram a inauguração da luz elétrica para o evento. Na visita, Nilo Peçanha prometeu solucionar também o problema do abastecimento de água. (NOGUEIRA, 2009)

Em 1917, muita coisa havia mudado. Toda essa dinâmica fez com que a população aumentasse consideravelmente, e a construção da estação de trem foi fundamental nesse processo. Com o loteamento, a então Fazenda de São Matheus, passou a ser denominada de Engenheiro Neiva, porém, uma herança ainda da época das fazendas incomodavam o poder local. Não agradava aos líderes locais de Engenheiro Neiva a tutoria de São João de Meriti, que naquela época 4º distrito de Iguassú, possuía poder político sobre Engenheiro Neiva. A elevação de Engenheiro Neiva a posição de distrito traria inúmeras melhorias ao local, além de fortalecer o grupo político, que à partir daí poderiam gerir Engenheiro Neiva com mais liberdade.

Em sua visita em 1916, Nilo Peçanha prometeu esse desvinculo e em pouco tempo, Engenheiro Neiva foi elevado à categoria de distrito, o 7º de Iguassú. Esse acontecimento foi uma espécie de “emancipação” local, inaugurando assim uma sub-delegacia, um cartório, e uma maior fiscalização municipal, dentre outras coisas. Essas medidas por um lado favoreceram o poder local, e por outro, criou uma autonomia maior para o agora Distrito. A

outra promessa de Nilo Peçanha foi cumprida, mas somente após um esforço muito grande da população. Cerca de um ano após a visita, ainda não havia a distribuição de água no local, comícios que reuniam muitos moradores foram promovidos, além do pedido de intervenção do Governador para solucionar o problema. Com a mobilização o êxito foi conseguido no ano de 1918.

Em 1920, o local ainda se chamava Engenheiro Neiva, porém, o poder local através do bloco Progresso de Nilópolis e a população já chamavam a localidade de Nilópolis desde 1916. Esse batismo foi criado pelo poder local e popularizado pelos moradores. Em 1921, ocorreu a mudança do nome da Estação férrea para Nilópolis e no mesmo ano, após a influência do Dr. Manoel Reis, o Distrito, que já possuía mais de cinco mil habitantes passa a se chamar oficialmente de Nilópolis (Figura 4). Contudo, o primeiro projeto para a utilização do nome foi negado pelos Deputados, que consideravam o Distrito muito inexpressivo e precário para tal homenagem, mas, através de sua luta, o Deputado Manoel Reis conseguiu o feito na segunda tentativa. (NOGUEIRA, 2009)



Substituição do nome da estação de engenheiro Neiva para Nilópolis, 1º de janeiro de 1921

Créditos:: Baixada Fluminense - Memória Fotográfica

Figura 3: Substituição do nome da Estação para Nilópolis. Baixada Fluminense - Memória fotográfica.

Cabe ressaltar que a escolha para a denominação de cidades, rios, morros e outros elementos da área urbana estão diretamente ligados a como a população ou grupo dominante



projetam ou percebem o lugar. As toponímias são os nomes próprios dos lugares e como demonstra Corrêa (2003 p.176)

constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. É ainda um poderoso elemento identitário. A toponímia, em realidade, articula linguagem, política territorial e identidade

Em outras palavras, essas escolhas de nomes estão ligadas ao que o local se parece ou o que se projeta parecer. A escolha do nome de Nilópolis refletia um local que começava a expressar uma política mobilizada e que projetava destaque na região.

Outro grande fluxo de moradores começa a chegar em Nilópolis à partir de 1920, Judeus dos diversos países do leste europeu desembarcam no Rio de Janeiro, e muitos deles optam por adquirir moradia em Nilópolis. Eles fugiam das perseguições fascistas e nazistas e a facilidade da linha férrea e os lotes a preços acessíveis facilitaram a chegada ao Município. O Rabino Izaías Rafaelovith foi designado a organizar a comunidade, contribuindo para a criação da sinagoga (Figura 5), da escola israelita e um centro comunitário em Nilópolis.



Figura 4 Sinagoga de Nilópolis. Acesso em: <http://culturahebraica.blogspot.com/2008/09/os-judeus-de-nilpolis-rj.html>

Por volta de 1940, segundo o filme “Novos lares” (2009), há o registro da chegada de mais de 300 famílias de judeus, vindas dos mais diversos países do leste europeu.

Ao chegar a Nilópolis os judeus foram acolhidos e integrados, geralmente, em todo o Brasil, eles eram livres para manifestar sua cultura, em Nilópolis não era diferente, inclusive ocorreu a conquista de um espaço para a construção de um cemitério exclusivo para a comunidade judaica, pelo fato de lidarem de uma forma diferente com a cerimônia fúnebre.

A comunidade judaica organizada contribuiu muito para o crescimento de Nilópolis, muitos deles se alocaram na Rua Mena Barreto, conhecida popularmente como “Rua dos Judeus”, lá havia muitos estabelecimentos comerciais, entre eles: alfaiatarias, sapatarias, lojas de móveis, bares, açougues, armarinhos, entre outros. Os judeus permaneceram em número expressivo em Nilópolis até os anos 80, nessa época, muitos deles se mudaram em busca de melhores condições, hoje, em menor número ainda se encontram algumas famílias judaicas importantes no Município. Atualmente na Rua Mena Barreto, podemos observar que as formas não mudaram muito, porém, houve uma mudança nas funções dessas lojas e estabelecimentos, inclusive algumas delas encontram-se abandonadas.

Além dos Judeus, na década de 30, aportaram em Nilópolis os primeiros migrantes do Nordeste, de Minas Gerais e do interior do Rio. Eles buscavam na cidade do Rio de Janeiro a oportunidade de uma melhor situação financeira, proporcionada pelas inúmeras oportunidades de emprego que as indústrias cariocas proporcionaram, desses, muitos fixaram moradia na Baixada Fluminense, o que fez com que algumas cidades como Nilópolis e Duque de Caxias ficassem conhecidas como cidade-dormitório. Nessa mesma época, ocorreu a chegada de algumas famílias Sírio-Libanesas em especial, as famílias Abraão David e Sessim David, que se engendraram no campo político e foram importantes no crescimento e no desenvolvimento da cidade, se tornando figuras políticas marcantes na história do Município de Nilópolis.



### Capítulo 3 A História do Carnaval Carioca e os primeiros Carnavais de Nilópolis

Segundo Nogueira (2009), desde 1921 ocorrem festividades carnavalescas no Município de Nilópolis, nesse ano ocorreu a primeira batalha de “Confetti”. Essa manifestação integrou políticos e figuras de destaque do Município com o povo em geral. A camada popular prestigiava em grande número o evento. Cabe também mencionar que a cidade ficou conhecida por confeccionar belíssimos coretos (Figura 6). O carnaval de Nilópolis refletia sua política, que sempre foi mobilizada em prol de seus interesses, e orgulhosa com suas construções e conquistas, ocorrendo sempre a integração entre o povo e o governo. Nessa época, a região ainda sofria bastante com a falta de saneamento, o que ocasionava a aparição de diversas doenças, porém, como em quase todo o período histórico, as dificuldades, sejam elas básicas, sociais ou mais complexas jamais impediram ou atrapalharam a realização do carnaval em Nilópolis, onde a população sempre buscava nesses eventos, um modo de festejar e amenizar as mazelas que a os acompanhavam na primeira metade do século XX.



Figura 5 Coretos montados nos carnavais de 1934 e 1935. Acesso em: <http://www.cemobafluminense.com.br/cemobafotos/thumbnails.php?album=2>

No Rio de Janeiro, a final da década de 20 marcou uma transformação nos festejos do carnaval carioca. A primeira escola de samba, a “Deixa Falar” surgiu em 1929 com o objetivo de se libertar da repressão que ocorria com a manifestação, o samba. O samba era apontado pela sociedade como um gênero musical de marginais e desocupados. Cabe salientar que alguns movimentos anteriores sofriam o mesmo tipo de oposição, que fez com que a burguesia se movimentasse para combatê-los, porém, foi através das escolas de samba que foi obtido êxito total na aceitação e respeito, e posteriormente a integração da burguesia nessa forma popular de se fazer carnaval. Afirma Bicalho (1998, p. 7):

Durante a primeira república, a cultura e os valores populares eram estigmatizados como manifestações de atraso e barbarismo, elementos que iam de encontro à imagem “civilizada” da cultura dominante. Portanto, a burguesia carioca passa a buscar um outro modo de brincar o carnaval. Da Europa são importados os bailes de máscara e os desfiles de alegorias, o povo, paralelamente, organizavam-se nos chamados Zé-Pereiras, que consistia em desfiles ao som de bumbos. Estes se utilizavam das mais variadas formas de resistência e faziam frente a intolerância imposta pelos ditos civilizados. Tais manifestações populares, contudo, não só resistem como também difundem e se entrelaçam com a cultura dominante, gerando novas formas de expressão. Surgem os cordões, os ranchos, os blocos e por fim, as escolas de samba, resultando hoje enquanto expressão sintética da cultura brasileira

O samba surgiu no Brasil no século XIX e consistia em uma adaptação do ritmo angolano denominado de Semba. Em sua origem o samba não possuía nenhuma ligação com nenhum tipo de desfile, foi no morro do Estácio, berço da “Deixa Falar” que o samba voltado para os desfiles de carnaval começou a ser pensado e posto em prática. (BICALHO, 1998)

Fruto da ação popular, foram surgindo outras escolas de samba, Mangueira, Vai como Pode (Atual Portela), Vizinha Faladeira e Unidos da Tijuca são exemplos de escolas fundadas no ano de 1929 e na década de 30. Da vontade do povo, começa a se construir uma história que logo ganharia formas de competição, poder e rivalidade. A luta contra a repressão seria vencida, porém, cabe mencionar que essa mesma repressão determinou o uso de “escola” para denominar as agremiações e a sua ligação com os rituais africanos, explica Bicalho (1998, p.11):

Como qualquer manifestação popular das camadas pobres eram profundamente reprimidas pela polícia, foi usado ‘escola’ para dizer que esta formava “professores de samba” e, assim confundir a agremiação com uma escola normal. Assim a escola de samba foi legalizada e ganhou o direito de poder desfilar no carnaval, melhorando assim o seu relacionamento com a polícia.

Do mesmo modo de utilização do termo ‘escola’, a ligação do samba com rituais espíritas se deu a partir da resistência. Como a ‘macumba’ era liberada, os sambistas se reuniam nos terreiros assim que terminavam as sessões e, assim, burlavam a repressão policial, os quais não sabiam distinguir os sons.

Dessa repressão são construídas identidades entre as escolas da época e seus locais de origem. Concordamos com Castells (2003) ao entender que em se tratando dos atores sociais, identidade é um processo de construção de significados com base em um atributo cultural ou um conjunto deles, relacionados. Concordamos ainda que toda construção social de identidade ocorre sempre marcada por relações de poder, As primeiras escolas de samba surgem de uma lógica de resistência, que busca a aceitação e uma auto afirmação do samba, proveniente das camadas menos abastadas da sociedade. Castells afirma que existem três formas de construção de identidades, e a de “resistência” pode claramente explicar a criação das identidades construídas pelas primeiras escolas de samba.

Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos. CASTELLS (2006 p.24)

Entende-se que os indivíduos buscam através de uma relação e representação em comunidade, que possa representar a voz, e as idéias do local.

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, na década de 30, ocorreu uma mudança de postura de relacionamento com as culturas populares. E a luta contra a repressão ao samba conseguiria alcançar seus primeiros frutos, visto que a Prefeitura do Rio de Janeiro passou a subsidiar os desfiles, tirando o samba do anonimato e o colocando na “passarela” para ser observado e admirado por toda a sociedade. Logo, todas as camadas sociais estavam participando em um mesmo ambiente da nova realidade do carnaval carioca, os desfiles das escolas de samba. Cabe lembrar que Vargas criou ainda uma política de controle das atividades carnavalescas, que funcionava como uma espécie de censura, a fim de não deixar a criatividade fugir do controle do governo. Outra intervenção foi a de determinar que as escolas de samba fossem obrigadas a desenvolverem apenas temas nacionais em seus desfiles. Estas foram as primeiras intervenções que os órgãos de governo realizaram junto as escolas de samba, intervenções essas que sempre acompanharam as agremiações desde então.

## **Capítulo 4 A Emancipação de Nilópolis e a Fundação da Beija Flor:** **Histórias traçadas, formadoras do território e da identidade Nilopolitana**

### **4.1 A Emancipação de Nilópolis e a Fundação da Beija Flor**

Em 1940, diversas melhorias já haviam sido promovidas em Nilópolis, isso proporcionou um grande aumento populacional, atingindo 22 mil habitantes. (Abreu 2010). Nessa época, através do uso de DDT, ocorreu a erradicação da malária na região da Baixada Fluminense. Contudo, Nova Iguaçu ainda possuía o domínio sobre Nilópolis e seus vizinhos. Em 1943 o Município de Duque de Caxias conquistou sua emancipação, surgindo assim o 1º Município desmembrado de Nova Iguaçu. Cabe ressaltar que São João de Meriti nessa época, era parte constituinte de Duque de Caxias, e passou então a pertencê-lo. Essa emancipação pioneira serviu de base para que o Deputado nilopolitano Lucas de Andrade Figueira viesse a propor a emancipação de Nilópolis, a qual ocorreu 1947. Com isso, Nilópolis conquistou sua autonomia e liberdade para gerir seus domínios, crescer e se desenvolver de uma maneira singular na região.

No mesmo dia da emancipação de Nilópolis, ocorreu a emancipação de São João de Meriti, que deixaram de pertencer à Nova Iguaçu e Duque de Caxias respectivamente. Apesar da proximidade, da submissão territorial que existiu durante muitos anos e do fato de terem sido emancipadas no mesmo dia, Nilópolis e São João de Meriti possuíam uma ligação bem menos intensa do que Nilópolis mantinha com Nova Iguaçu e com o Rio de Janeiro. Ressalta Simões (2006) p.152

Devido a presença da ferrovia como principal meio de transporte e a localização dos núcleos urbanos no entorno da Estação, desde os primórdios da sua ocupação Nilópolis estabeleceu laços mais fortes com Nova Iguaçu e com o Rio de Janeiro, distanciando de São João de Meriti, mais ligado a Caxias. Como essas duas localidades tinham funções semelhantes, pouco contato se estabelecia entre elas, gerando um distanciamento econômico que levou a um afastamento político, em comum somente a luta contra a dominação iguaçuana

Já com o município estabelecido, surge em 1948, o que viria a se tornar o maior símbolo do Município de Nilópolis, através do movimento de populares é criada a Beija Flor. Membros de um time de futebol de Nilópolis, chamado Santa Rita, possuíam um bloco de carnaval, o “Irineu Perna de pau”. O bloco era bem simples e desfilava apenas pelas ruas do Município. No Natal de 1948, os componentes decidiram criar um novo bloco, que agora possuiria presidência e instrumentos. E assim surgiu o bloco associação carnavalesca Beija

Flor, nome sugerido por Dona Eulália de Oliveira, uma das fundadoras. As cores do Bloco seriam azul e branco, herança das cores do Santa Rita. Fruto da ação popular, o bloco desfilou durante cinco carnavais, e em 1953 foi transformado em Escola de Samba. Cabe destacar que o processo de criação da escola acompanhou em diversos fatores a criação das escolas mais antigas, mesmo que os fatos tenham acontecido em tempos históricos diferentes. É justo destacar que as primeiras Escolas de Samba nasceram em um momento de repressão, porém, como as demais escolas, a Beija Flor surgiu de um movimento popular, onde o sentimento de “brincar” o carnaval vinha em primeiro lugar. Porém, enquanto as grandes escolas representavam seus morros que se localizam basicamente próximos, ou dividiam torcedores do bairro de Madureira, a Beija Flor representava um município que acabara de nascer, e que através da cultura queria “entrar” no mapa.

É importante salientar que no ato da emancipação, em 1947, o Município de Nilópolis perdeu 13 Km<sup>2</sup>, visto que somente 9Km<sup>2</sup> de sua extensão é ocupada. Segundo a Prefeitura de Nilópolis:

Porém, cometeu-se nessa emancipação uma flagrante injustiça, pois sendo área de 22 quilômetros quadrados, que era a mesma da Fazenda de São Matheus, ficou reduzida a apenas 9 quilômetros quadrados, perdendo 5,60 quilômetros para Nova Iguaçu. A área de Gericinó deveu-se ao fato da não retirada da cerca construída por João Alves Mirandela que permitiu aos seus detentores derrubar a cerca interna ficando com a externa para efeito de divisa, enquanto os herdeiros do Espólio buscam na justiça a reintegração da área de 5,60 quilômetros quadrados. Do lado de São João de Meriti, deveu-se ao fato de limitar-se a cidade pelas torres de sustentação da rede elétrica (onde esta atualmente a Via Light), quando deveria ser pela linha férrea, abrangendo Éden, Tomazinho, São Mateus e adjacências, todos do lado esquerdo, à margem da linha, e não pelas torres. E, finalmente, 1,80 quilômetros quadrados do lado de Nova Iguaçu, quando a divisa seria no Rio Cachoeira e não no Rio Sarapuí, fazendo com que se perdesse a Chatuba, que é, e deve ser de Nilópolis.

(Em: <http://www.nilopolis.rj.gov.br>. acesso em: 20 de novembro de 2010.)

Porém, mesmo com toda essa perda territorial, Nilópolis começou a se organizar e buscar melhorias estruturais. Após a sua emancipação foram criados um novo hospital, uma nova igreja no distrito de Olinda, o Fórum Municipal, além da chegada de alguns bancos. O comércio da cidade começou a se expandir, se tornando a maior fonte de renda do Município, além disso, o transporte recebeu diversas melhorias, proporcionando aos moradores a ligação rodoviária com os demais Municípios da Baixada, além da ligação com a cidade do Rio de Janeiro, anteriormente feita somente por via férrea.

Com o Município começando a se organizar, a Beija Flor seguia os mesmos passos e curiosamente, o primeiro desfile da escola de samba não ocorreu no carnaval, mas sim nos desfiles das escolas de samba realizado em Setembro de 1953 e intitulado de “carnaval da Primavera”, o evento foi promovido pelo departamento de turismo da então Prefeitura do

Distrito Federal, e em seu primeiro desfile, a Beija Flor foi a grande campeã, recebendo o troféu “Deusa da Primavera”, o que proporcionou surgir o seu apelido, Deusa da Passarela.

No mesmo ano, a Beija Flor foi inscrita na liga das escolas de samba, e em seu primeiro desfile na liga, foi campeã do 2º grupo, chegando rapidamente a elite do carnaval. Porém, nos anos 50 e 60, a escola jamais despontou como uma das forças do carnaval carioca, sendo rebaixada, voltando novamente a disputar o 2º grupo, onde permaneceu durante alguns anos. Somente a força popular não foi suficiente para manter a escola na elite, naquela época os recursos eram escassos, a subvenção pública era pequena e o município, recém emancipado, não possuía grandes quantias a investir. Portela, Mangueira, Salgueiro e Império Serrano dominavam os desfiles.

## **4.2 A Ascensão das famílias Abraão David e Sessim David ao poder e sua aproximação com a Escola de Samba Beija Flor**

Os anos 70 marcaram a ascensão das famílias Abraão David e Sessim David ao poder no Município de Nilópolis. Eles eram pertencentes à Arena, partido político ligado a ditadura. Logo, Nilópolis seria campo de diversas contradições, entre elas a que demonstrava a dualidade entre uma política pública que funcionava de uma forma positiva para a população, e que ao mesmo tempo dominava e buscava a perpetuação do poder. O assistencialismo ajudou a angariar simpatia e reforçar o poder dos líderes locais. A escola de samba Beija Flor serviu como objeto nesse processo de criação de identidade que transformaria Nilópolis no território da Beija Flor.

Souza (2007) aponta que o território é “fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder”. Em outras palavras, o autor aponta que a formação de um território está ligada a como os indivíduos que exercem o poder em determinados locais, moldam e direcionam as atividades e objetos de significação para os moradores, construindo ligações afetivas entre o morador e o objeto. Antes de entrarmos na discussão do território formado em Nilópolis, devemos ressaltar que para Foucault (1979) não existe quem possua ou não possua poder em nossa sociedade, e sim, quem por algum motivo exerça e quem não exerce. Em nosso trabalho demonstraremos que no Município de Nilópolis a família Abraão David exerce o poder e a população se deixa exercer, dessa maneira se dão a grande maioria das relações que moldam o espaço geográfico no município, criando laços

afetivos, oportunidades de emprego, capacitando os moradores, trazendo cultura e oferecendo ações sociais e assistencialistas.

As famílias Abraão David e Sessim David chegaram a Nilópolis na década de 30, parte das famílias possuíam boas condições financeiras. Aos poucos eles foram conquistando bens e imóveis, e com a emancipação, se aproximaram da vida política. Simão Sessim David foi eleito Prefeito no início dos anos 70, nessa época, a Beija Flor ainda permanecia no 2º grupo. Coube a Nelson Abraão David e seu irmão Aniz Abraão David, o “Anízio” que naquela época já possuía uma importante influência no local, investir na escola e trazer ela novamente para a elite. Contudo, apenas um lugar na elite do carnaval não iria satisfazer seus líderes, Anízio vai além, traz do Salgueiro o carnavalesco Joãozinho Trinta, que faria virar realidade suas projeções, reforçando assim o poder da família Abraão e possibilitando o sentimento de orgulho e aumento da auto-estima da população. Diferente da identidade formada pelas primeiras escolas de samba, que surgiam da repressão, em Nilópolis a identidade foi construída para legitimar o poder, como melhor explica Castells (2006, p.24) “Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar suas dominações em relação aos atores sociais”. Dessa forma, o crescimento da Beija Flor viria a criar uma identidade positiva para o governo da cidade. A escola serviria de instrumento para demarcar o território, fortalecendo a estrutura de poder vigente no Município. A aprovação, o engajamento e a admiração dos indivíduos eram os elementos a serem atingidos para que a perpetuação do poder se efetivasse.

Não podemos deixar de apontar que o modo legitimador não é exclusividade da relação entre a Beija Flor e os moradores de Nilópolis. As escolas que criaram suas identidades na década de 30, pautadas na repressão sofrida contra elas, como a Portela e a Mangueira, em um momento à frente “sofreram” uma introdução do modo legitimador de identidade, onde as aspirações políticas e as lideranças do jogo do bicho centralizavam e usufruíam do poder.

Souza (2007), em sua obra, demonstra que na história, os territórios foram moldados de diversas formas e para diversos fins. Em nossa sociedade, os territórios se apresentam claramente de três modos diferentes. A mais clara delas é através da força, onde o grupo dominante impõe suas idéias e colhe seus interesses através do medo e dominação. Esse modo foi bastante utilizado em alguns Municípios da Baixada Fluminense (não é o caso de Nilópolis) e fica mais claro ainda nas análises dos morros cariocas, onde um poder paralelo se impõe frente aos moradores através do medo. O segundo modo de formação de território é um mais ligado ao capital, onde através do interesse financeiro, alguns indivíduos criam em

determinados locais um campo de exploração e possuem certa liderança dentro desses limites. Como exemplo, temos os territórios de prostituição, que como demonstra Souza (2007) podem ser móveis e se dissolver durante um período do dia. Outro modo de formação de território é a partir da cultura, modo utilizado em Nilópolis para sua criação e formação, e onde a política aparece em primeiro plano. Diferente da manifestação de poder, onde alguns mandam e outros obedecem, em Nilópolis o poder exerce suas idéias e a população se deixa ser comandada. Nesse caso o indivíduo não é coagido a legitimar o território através da força, mas sim conquistado através dos elementos positivos que a Escola de Samba produz. Ao invés de dominado, o indivíduo participa afetivamente do processo territorial. Haesbaert (2001) aponta que:

o território reforça sua dimensão enquanto representação, valor simbólico. A abordagem utilitarista de território não dá conta dos principais conflitos do mundo contemporâneo. Por isso “o território é primeiro um valor”, pois “a existência e mesmo a imperiosa necessidade para toda sociedade humana de estabelecer uma relação forte, ou mesmo uma relação espiritual com seu espaço de vida, parece claramente estabelecida.

Dessa realidade podemos observar que a Beija Flor traçaria o que é chamado por Tuan (2003) de espaço mítico, que é definido por ele como “Componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio das quais as pessoas realizam suas atividades práticas”, com isso a Escola de Samba viria a se tornar uma espécie de referência para apontar e representar as qualidades e avanços do Município. Enquanto o território simbólico estava sendo moldado, na percepção dos indivíduos, a dimensão de lugar era percebida em primeiro plano, visto que a Beija Flor traria uma significação, uma afetividade e uma forte ligação que abarcaria outras dimensões como a política e a econômica. Ressaltamos que tais afetividades ao lugar podem ser trabalhadas sob a ótica do espaço vivido, conceito trabalhado por Holzer (1992) e Isnard (1982). Isnard (1982) aponta que o espaço vivido é um campo de representações simbólicas, onde o indivíduo se relaciona com o íntimo de sua cultura.

As famílias Abraão e Sessim começavam a construir articulações políticas fora dos domínios do Município de Nilópolis. Cabe apontar que Nilópolis entraria no mapa e seria ressaltada tão somente por causa da Escola de Samba. Simão Sessim David, seria favorecido pelo breve sucesso alcançado pela Beija Flor, deixou a Prefeitura em 1977 e foi eleito Deputado, tornando-se representante de Nilópolis na câmara dos Deputados até hoje, sendo eleito para o seu 9º mandato nas últimas eleições, em Outubro de 2010. Tuan (1977) aponta que “Muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca



notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente”. Dessa forma a Beija Flor começava a construir um campo simbólico, criado a partir da afetividade e do sentimento positivo que a Escola oferecia a seus moradores.

Para que se fosse formado um território e para que o indivíduo construísse um sentimento de lugar e de pertencimento com a escola de Samba, e com o município, a Beija Flor deveria se destacar e elevar o nome do município para fora dos domínios da Baixada. Com o tempo, isso se concretizou, a Escola fez com que o Município de Nilópolis fosse reconhecido internacionalmente por ser sua sede. Para isso, ela se mostrou inovadora ao modificar totalmente a concepção dos desfiles das escolas de samba. Joãozinho Trinta em 1976 inaugurou uma nova estética, trazendo luxo e o gigantismo dos carros alegóricos para a avenida (Figura 7). Em seu enredo “Sonhar com Rei, dá leão”, a Beija Flor homenageou o jogo do bicho e seus principais líderes, o que gerou uma grande polêmica, visto que o jogo do bicho naquela época já era considerado contravenção. O investimento financeiro nesse desfile alcançou números jamais imaginados, o que modificou totalmente não só a estrutura física dos desfiles, mas também a estrutura política e econômica. Muitas escolas não conseguiram acompanhar esse crescimento e aos poucos foram deixando a elite do carnaval, dando lugar a outras escolas.

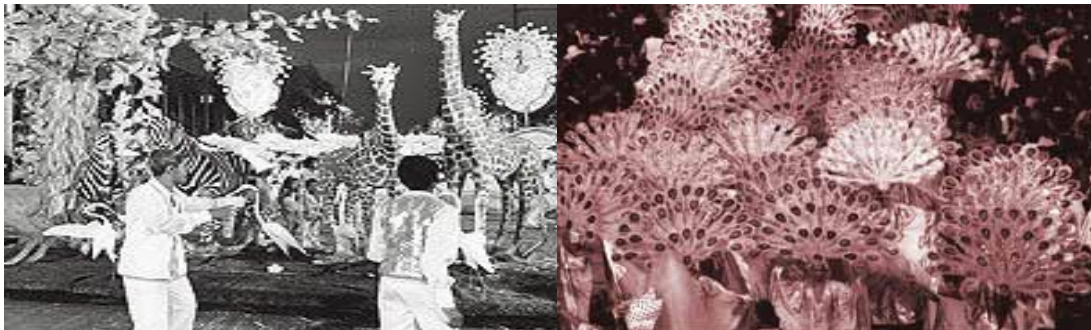


Figura 7: Desfile da Beija Flor 1976 – Sonhar com Rei dá Leão. Acesso em: <http://familiabeija-flor.blogspot.com/>

As décadas de 60 e 70 marcaram a aproximação dos banqueiros do jogo do bicho com o carnaval. Natalino José de Sousa, o Natal da Portela foi o pioneiro, abrindo caminho para que outros bicheiros penetrassem na organização das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, esses geralmente eram figuras folclóricas e bastante carismáticas, e exerciam liderança em suas comunidades.

O luxo presente nos desfiles da Beija Flor foi arrebatador e fez com que a escola conquistasse o tri-campeonato (1976, 1977 e 1978), se tornando a grande marca da escola.

Essas primeiras conquistas da Beija Flor quebrou uma série de 39 anos de títulos divididos entre Mangueira, Portela, Salgueiro e Império Serrano. Com essas vitórias, a população de Nilópolis se mostrava orgulhosa pelas conquistas alcançadas, iniciando dessa forma o sucesso que viria contribuir para que a identidade do Município fosse aos poucos construída. A Baixada Fluminense que sempre viveu as margens da cultura, agora era destaque, o centro das atenções. As conquistas da Beija Flor serviram para ressaltar a existência do Município de Nilópolis, para determinar o início de uma era de profissionalismo das escolas de samba, e para reforçar toda uma política patriarcal no Município.

Com isso, começava a ser construído o que Haesbaert (2005) denomina de território, onde o funcional e o simbólico atuam em conjunto, ele define território como:

Em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto de dominação quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.

Haesbaert dessa forma aponta que existem duas formas estruturando a formação dos territórios, um “Funcional” que se utiliza dos processos de dominação e um “Simbólico” que se apropria do lugar através de sua cultura, ou manifestação cultural, cabe ressaltar que as duas não funcionam isoladas, mas sim em conjunto.

Dessa forma podemos perceber que na percepção do morador, Nilópolis estava construindo um território simbólico, visto que ele se sentia pertencente ao município e teve a sua auto estima elevada ao “ser” morador do município da Beija Flor, em contrapartida, ao mesmo tempo estava sendo construído um território funcional na concepção e atuação daqueles que exerciam o poder.

Sack apud Haesbaert (2005) diz ainda que:

A territorialidade como componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos significado

Dessa forma podemos observar que territorialidades são as manifestações que os indivíduos promovem em relação a seu território. Haesbaert (2005) aponta ainda que todo território que se apresenta em primeiro plano como funcional, carrega sempre uma carga simbólica, e o que se apresenta em primeiro plano como simbólico não atua em estado puro, também carrega uma carga funcional. Dessa forma, não podemos tratar a identidade criada através da Beija Flor como algo vazio de relações, tampouco apontar apenas as relações afetivas criadas, que projetam o nome e a imagem do Município. É necessário na concepção

de território apontar as dinâmicas e interesses políticos que ajudam a construí-lo, que no caso do município tem a sua origem na década de 70.

No modelo político local, o modo como o morador viria a se relacionar com a Escola de Samba, seria um elemento fundamental para que a política do Município desse certo e o grupo político ligado a Beija Flor se perpetuasse no poder. A continuidade do sucesso da Beija Flor no carnaval era naquele momento um fator muito importante, dessa forma não faltou empenho, nem comprometimento para que a Beija Flor alcançasse um sucesso ainda maior. Esse sucesso viria a propor ao morador diversas territorialidades onde ele poderia se relacionar de uma forma positiva com as atividades que a Beija Flor viria a promover, o que resultaria em uma consolidação ainda maior do poder local, que manteria e controlaria tais relações.

Porém, ao mesmo tempo em que desfrutava o sucesso, a Beija Flor era alvo de muitas críticas, a mudança de estética provocada por Joãozinho Trinta e os títulos que a Beija Flor conquistou, somados a ascensão da Mocidade Independente de Padre Miguel e da Imperatriz Leopoldinense causou o descontentamento entre as escolas tradicionais, que vinham dominando os desfiles desde sua origem. Com isso, a antiga ordem estava derrubada, o que fez com que o Império Serrano desenvolvesse em 1982 um enredo chamado “Super escolas de samba S.A”, onde se exaltava o passado e criticava as escolas emergentes, em especial a Beija Flor. A crítica ficou clara em um trecho do samba, que dizia assim: “Super escolas de samba S/A, super-alegorias, escondendo gente bamba, que covardia”.

Assim estava explícita a oposição das escolas tradicionais com as escolas emergentes, o que favoreceu ainda mais o sentimento de apego do morador de Nilópolis com a Beija Flor e também com o próprio Município, visto que essa oposição, podia ser percebida como uma espécie de preconceito, pelo fato da Beija Flor pertencer a Baixada Fluminense, além do fato da escola ser a primeira de fora do Município do Rio a desfilar no grupo principal do carnaval organizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro.

Outro fator que contribuiu para a forte ligação dos moradores com a Beija Flor foi a sua preocupação social. E nesse processo, mais uma vez o carnavalesco Joãozinho Trinta foi bastante importante. Ele atuou servindo de ponte entre as reclamações dos problemas enfrentados no Município e a cúpula da Escola de Samba, que desde os anos 70 comandava também o Município de Nilópolis. Cansados de ouvir que a Escola de Samba era o luxo e o Município de Nilópolis era um lixo, Joãozinho cria o projeto mutirão com o objetivo de amenizar os problemas do Município. Em poucos anos Nilópolis tornou-se líder nos índices

de desenvolvimento humano na Baixada Fluminense, vindo a ganhar o apelido de Princesinha da Baixada, condição mantida até os dias atuais.

O final dos anos 80 marcou a consagração da Escola Nilopolitana, o desfile de 1989 ganhou destaque pela ousadia e coragem por levar para a avenida o lixo. Joãosinho Trinta e a Beija Flor, cansados das críticas por terem transformado os desfiles em uma realidade mais luxuosa e grandiosa, elaboram o enredo “Ratos e urubus larguem a minha fantasia”, que fazia uma crítica social que misturou o luxo e o lixo, tratando não apenas o lixo físico, mas também o lixo moral, mental e espiritual da sociedade, que encobre a população marginalizada, posição que vai contra a postura adotada pela escola, que se orgulha de ter sido a primeira a prestar ações sociais assistencialistas a sua comunidade mais carente. No desfile, Joãosinho e a Beija Flor se contrapõem as críticas conservadoras, demonstrando que a escola não encobre o verdadeiro sambista, como dizia o samba do Império, mas sim dá a ele a posição de destaque, onde o luxo prevalece.

Dessa forma se desenvolveu o desfile da escola, onde mendigos, prostitutas, moradores de rua, bandidos e toda população marginalizada ganham destaque (Figura 8), representando as classes esquecidas pela sociedade. Em meio a essas classes uma escultura do cristo vestido de mendigo, que acabou coberto por um pano preto devido à proibição judicial imposta sob protesto da igreja católica.



Figura 8: Desfile da Beija Flor 1989 – Ratos e Urubus Larguem a minha fantasia. Acesso em: [geuvesarte.blogspot.com](http://geuvesarte.blogspot.com)

Esse desfile causou uma sensação de perplexidade entre os espectadores diante de tamanha ousadia. A repercussão nas Tv’s e nos jornais foi enorme. Contudo, o Vice campeonato é bastante lamentado até os dias atuais, fato comprovado através das entrevistas com os moradores. Todavia, esse desfile foi um contraponto para amenizar o período de

alinhamento e exaltação da escola à ditadura. A Beija Flor aos olhos da população se mostrava mais humana e preocupada socialmente, além de responder às críticas, sobretudo do Império Serrano, escola que desfilou posteriormente a Beija Flor, e amargou um 10º lugar.

Posteriormente, a Beija Flor passou por momentos difíceis, amargando 14 anos sem títulos, fato que incomodava a sempre presente e mobilizada comunidade e a direção da escola. A saída de Joãosinho Trinta em 1992 teve um grande significado, pois determinou uma queda da qualidade dos desfiles da Beija Flor, comprovado pelos fracos resultados alcançados no período. Ainda em 1992, a política de controle do município sofria também um grande golpe, ao perder as eleições para Prefeito. Cabe lembrar que com a saída de Simão Sessim em 77, a família voltou a se estabilizar no poder municipal no período entre 1983 a 1992, com os Prefeitos Miguel Abraão David e Jorge David. A oposição governou a cidade por oito anos, entre o período de 1993-2000. A primeira gestão, a do Prefeito Manoel Rosa, conhecido como Neca, foi bastante positiva, resultando na eleição seguinte na vitória do candidato apoiado por ele, José Carlos Cunha. Essa gestão não obteve resultados positivos, sendo fator primordial e facilitador para que a Família Abraão David voltasse a governar a cidade no ano de 2001, onde Farid Abraão David foi eleito, e re-eleito nas eleições de 2004, Farid governou até 2008 quando foi sucedido pelo então Prefeito Sérgio Sessim David.

Após uma remodelação, onde uma comissão de carnaval foi criada, em 1998 começou o período mais vitorioso da Beija Flor, onde em 11 anos, a escola conquistou 6 títulos e 4 vice campeonatos. Nesse período a escola viu sua torcida crescer e fortaleceu ainda mais a sua ligação com seu território.



Figura 9: Carro abre-alas da Beija Flor 2007 – 10º título conquistado pela escola. Arquivo pessoal.

Atualmente a Beija Flor é uma grande força do carnaval carioca, e mesmo surgindo em um período histórico bem posterior aos primeiros desfiles, ela já alcançou a terceira posição em número de títulos (11), seguindo atrás apenas da Portela (21) e Mangueira (19).

### **4.3 As relações e percepções dos moradores de Nilópolis e a Beija Flor**

#### **4.3.1 Entrevistas**

As entrevistas foram muito importantes na construção desta etapa do trabalho, pois nos proporcionou buscar respostas e levantar novos fatos para melhor entender a dinâmica estudada. Ao executar as entrevistas buscávamos levantar a importância que a Beija Flor assumia para cada entrevistado, com isso, optamos pelas entrevistas qualitativas abertas. Dessa forma, as perguntas variavam conforme a ligação que o entrevistado mantinha e conforme novas pistas e revelações fossem sendo explanadas. O que resultou em melhores resultados do que se tivéssemos optado pela aplicação de questionários ou se tivéssemos feito entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas abertas possibilitam o sujeito a expor certas subjetividades e elementos complexos que dificilmente seriam alcançadas em outras modalidades de entrevistas. Além disso, as entrevistas nos revelaram elementos até então desconhecidos, o que nos proporcionou através da pesquisa dos mesmos, elementos valiosos que foram utilizados no corpo do trabalho.

A escolha dos entrevistados foi feita respeitando a relação que os indivíduos mantêm com a escola de samba Beija Flor, seguindo os diferentes modos de ligação. Cabe lembrar que a Beija Flor proporciona ao indivíduo uma extensa gama de atividades e posições possibilitando diferentes modos de se construir a afetividade e o pertencimento. Também optamos por entrevistar moradores de Nilópolis que não mantinham nenhum tipo de interação com a escola, mas que por serem moradores do Município, se relacionavam indiretamente com a Beija Flor. Como dito anteriormente, as perguntas eram diferentes para cada um dos entrevistados, porém, havia perguntas em comum, feitas a todos os entrevistados, que tinham o objetivo de compreender a importância que a Beija Flor tinha para cada um deles, e para analisar como eles compreendiam a importância que a Beija Flor tem para o Município de Nilópolis.

Foram realizadas um total de 5 entrevistas, todas no mês de Novembro de 2010. Foram escolhidos moradores de Nilópolis que mantinham e não mantinham ligação direta

com a Beija Flor, não foram considerados as diferenças de gênero, etnia, idade e credo. Três deles mantêm uma ligação direta com a escola de samba Beija Flor, as outras duas pessoas são moradores de Nilópolis que relataram não gostar de carnaval. Essas entrevistadas também se mostraram importantes devido a forte ligação que a escola mantém no Município, onde mesmo os moradores que não interagem diretamente, reconhecem ou se favorecem do auto estima que a Beija Flor proporciona.

As entrevistas ocorreram de forma tranquila, porém, houve a negativa da permissão de qualquer tipo de gravação ou de fotos por parte de todos os indivíduos entrevistados que mantinham ligação com a escola. O que nos deixou restrito as anotações manuais das respostas dadas. Também foi nos solicitado o total anonimato, mesmo após a negociação com alguns deles. Os outros dois entrevistados, os que não possuem ligação direta com a Beija Flor também não foram identificados.

Na análise das respostas, tivemos a oportunidade de relacioná-las à teoria, o que nos permitiu a utilização das falas dos entrevistados no corpo do texto, permitindo assim embasar e reforçar nosso trabalho, unindo teoria e prática, percepção e vivência.

As perguntas e respostas das entrevistas feitas com os moradores que mantêm ligação direta com a Beija Flor estão anexadas abaixo, porém, com a negativa da utilização dos nomes por parte dos indivíduos, eles serão denominados de: entrevistado (a); (b) e (c). Pelo mesmo motivo, as entrevistas não serão citadas nas referências. Optamos por não colocar em anexo as entrevistas com os moradores que não mantêm uma ligação direta com a escola, pelo fato de não apresentarem novidades, a não ser o reconhecimento de que a escola eleva o nome do Município aumentando o auto estima da população. Citações essas utilizadas no corpo do texto, vindo a confirmar toda a construção teórica anterior.

### **4.3.2 Nilópolis Hoje**

Hoje, distribuídos em 9Km<sup>2</sup>, habitam em Nilópolis 157.483 habitantes IBGE (2010), o que resulta em uma das maiores densidades demográficas do Brasil. Em 2007, a cidade recuperou parte do território localizado no campo do Gericinó. Depois de 20 anos de luta política, o Exército cedeu parte do campo de treinamento ao Município, que desde então começou o movimento para a criação do Parque Natural do Gericinó, que é patrocinado pela Petrobrás e busca preservar e recuperar a área, que é bastante degradada. A cidade possui dois distritos, o Centro e o Distrito de Olinda, somando no total 15 bairros, que ficam distantes



27,5 Km do centro do Rio de Janeiro, segundo a Prefeitura. O Município é cortado pela Via Ligth e se localiza a uma distância pequena de importantes vias de locomoção como a Avenida Brasil e a Via Dutra.



Figura 10: Mapa da Baixada Fluminense – 2009. Acesso em: [forumculturalbfluminense.org.br](http://forumculturalbfluminense.org.br)

Em alguns fatores, Nilópolis se destaca na região, estando em 1º lugar na Baixada, nos indicadores do IDH, em 2008. Segundo a Prefeitura:

A cidade é destaque por ter um dos melhores índices de qualidade de vida do Estado do Rio de Janeiro, o Índice de Alfabetização da população chega à 93,9 %, o IDH médio de 0,788 (19º no RJ) o Saneamento está presente em 90% do território, 70% das residências tem ligação regular de água e o número de ruas pavimentadas e iluminadas chega à 99% do território nilopolitano.

(DISPONÍVEL EM <[WWW. HTTP://WWW.NILOPOLIS.RJ.GOV.BR/SITE/A-CIDADE/](http://WWW.NILOPOLIS.RJ.GOV.BR/SITE/A-CIDADE/)>).

Esses e outros fatores contribuem para que o morador tenha uma visão positiva da cidade e para que fixe e mantenha o apego e o sentimento de pertencimento com o Município, essa admiração resultou no apelido de Princesinha da Baixada, o que mais uma vez reafirma a forte ligação e o orgulho do morador com o local.

Porém, o que mais chama a atenção nas relações locais é a ligação com a Beija Flor. Todas as nuances que compõem simbolicamente o território em Nilópolis acabam representados fisicamente pelo simbolismo da figura do Beija Flor, presente nas duas principais vias de entrada do Município de Nilópolis (Figura 11). As figuras simbólicas



demarcam o território da Beija Flor. Dentro dos limites territoriais do município é que ocorre a construção simbólica do território, onde as dimensões políticas e do lugar ganham cores. Estar fora dessa demarcação, mesmo que próximo aos limites, determina estar fora dos benefícios afetivos que a Beija Flor oferece.

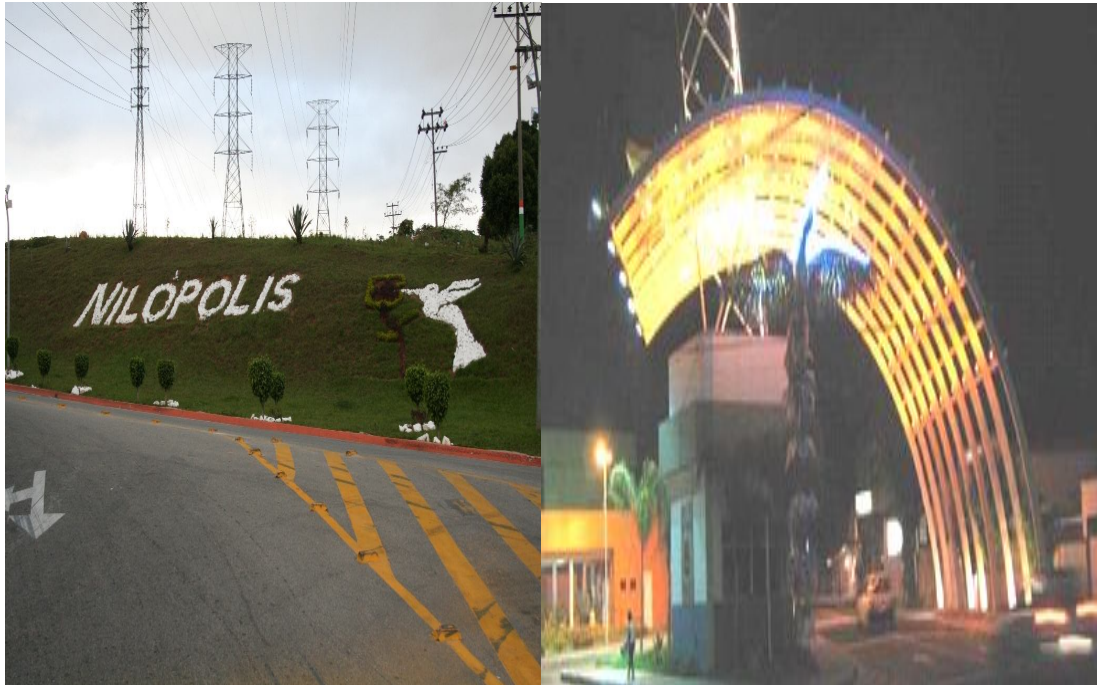


Figura 11: Via Light – Divisa do Município de Nilópolis com São João de Meriti, e divisa de Nilópolis com o Município do Rio de Janeiro. Arquivo pessoal.

Outra representação que marca a ligação entre a escola de samba e o poder local é expressa através do atual logotipo da Prefeitura de Nilópolis (Figura 12). Onde a figura do Beija Flor ganha destaque, sendo maior do que o próprio nome do município.



Figura 12: Logotipo da Prefeitura de Nilópolis. Acesso em: [www.nilopolis.gov.br](http://www.nilopolis.gov.br)

Hoje a Beija Flor atua no Município de Nilópolis através de três dimensões: A política, que constrói o território, bastante trabalhada neste capítulo, a econômica e a do lugar. Rosendahl (2003) trabalha com uma dinâmica parecida ao analisar o espaço geográfico presente nas religiões. Neste presente trabalho, recorreremos às entrevistas levantando fatos e os analisando para melhor compreender as relações econômicas e do lugar, na relação entre o indivíduo e a escola de samba.

Um dos fatores que contribui para a ligação dos indivíduos com a Beija Flor é a sua preocupação social. Nesse contexto encontramos diversas atividades que lidam ou que tem como objetivo final uma recompensa econômica. A Entrevistada (a) trabalha no barracão da escola na confecção de fantasias e desfila na Beija Flor a mais de 20 anos. Ela contribui ao apontar que a Beija Flor mantém em seu centro social atividades que visam à capacitação do indivíduo em algumas atividades relacionadas ao carnaval. Cabe ressaltar ainda, segundo a Entrevistada “a”, que a escola absorve parte desses profissionais em seu barracão, nas atividades de corte, costura e colagem de fantasias, além da construção de carros alegóricos. A outra parte é empregada nas demais escolas do grupo especial. Cabe destacar ainda a presença de um forte sentimento de pertencimento explícito na fala da entrevistada, ao ser perguntada o que a Beija Flor representava para ela: “A Beija Flor pra mim é tudo! É a minha segunda casa, onde encontro os amigos. Tenho muito amor pela escola e pelas pessoas da escola.” No contexto dimensão econômica/lugar, a nossa entrevistada se destaca por preencher as duas lacunas, no sentido de que a escola representa para ela, uma forma de aumentar a sua renda, e ao mesmo tempo, percebe-se em sua fala um sentimento e uma afetividade muito forte pelos processos mais simbólicos de representação que uma entidade promove, exaltando o Município de origem.

O curso citado pela Entrevistada é mantido pela Beija Flor em parceria com a Petrobrás, desde 2005, e é denominado de “Sonho do Beija Flor”. Esses cursos são oferecidos para os moradores do Município e de cidades vizinhas, são eles: aulas de informática, confecção de adereços para fantasias e alegorias, sapataria e formação em outras carreiras voltadas à indústria do Carnaval. Além desses cursos e dos citados pela entrevistada, a Beija Flor mantém uma série de outras atividades, onde a relação com sua comunidade se estreita como a creche, o educandário e a escola de Ballet que atendem a população mais carente do Município.

Analisando as atividades apontadas no último parágrafo, se observa que a dimensão econômica proveniente da direção da Beija Flor em parceria com a iniciativa privada acaba moldando e direcionando diversas atividades em que o indivíduo ao se relacionar acaba

estabelecendo um apego e uma afetividade, construindo a identidade local. Com isso, é notório afirmar que tais atividades são parte integrante de uma estratégia de manutenção territorial, onde as mesmas são importantes para a formação do território simbólico e da dimensão do lugar construídas sob um acordo informal entre o poder local e os moradores.

Outra parte importante nesse processo de manutenção territorial é a que lida mais diretamente com o carnaval. Como os ensaios e os desfiles. Essas atividades mais concretas criam para o Município e para o morador o status de pertencer ao território da Beija Flor. Nesse sentido, ressaltamos a existência de um acordo estabelecido entre escola-componente no sentido de haver um comprometimento por parte do componente de comparecer a todos os ensaios, o que culmina na retirada da fantasia antes do carnaval, o dando direito de desfilar e representar a escola. Esse acordo fica claro na fala da entrevistada “a”, onde ela conta que:

Para desfilar é só ir na reunião que há na quadra no mês de Outubro. Daí você leva seus documentos e 5 reais para fazer a carteirinha. Com essa carteirinha a gente entra de graça na quadra para os ensaios. Para desfilar, tem que comparecer toda quinta feira, se a pessoa tiver 2 faltas consecutivas é cortada pela escola.

No processo afetivo, também devemos destacar o aumento do auto estima, percebido na fala da entrevistada “b”, que ao se referir à Beija Flor podemos observar que a mesma representa para ela um lugar de realizações. “ Quando eu era criança, eu tinha o sonho de ser bailarina, mas devido a falta de condição, não pude realizar o meu sonho. Na Beija Flor eu posso fazer o que gosto, que é dançar, cantar e ainda fiz muitos amigos.”

Dessa forma, compreendemos que a Beija Flor se apresenta como um campo múltiplo de ligações e relações afetivas. Onde os indivíduos lá expressam seus desejos. A entrevistada relata ainda que para a Beija Flor, cada integrante é importante. Dentro de um sistema que é mantido através das relações de poder, as relações afetivas que os indivíduos mantêm possuem uma dupla utilidade, além de contribuir para a manutenção do poder no Município, ela colabora elevando o moral e a auto-estima, com a quadra da Beija Flor servindo como um espaço centralizador que irradia sentimentos e significações para os que habitam o Município. Nesse sentido, observamos como esse processo acaba transformando realidades bastante difíceis do ponto de vista econômico, para uma realidade onde o indivíduo se sente valorizado. A Entrevistada “b” relata suas dificuldades.

nós levamos uma vida muito difícil aqui em casa. Passamos muitas dificuldades financeiras. Depois que meu marido se aposentou, as coisas ficaram difíceis, ele só ganha um salário mínimo, e meus dois filhos estão desempregados. Por isso que vendo doces, para dar uma ajuda.

Em seguida, perguntada se a Beija Flor fazia ela esquecer os problemas, a entrevistada conclui. “sim, na Beija Flor a gente é importante. Cada pessoa lá é importante.”.

Dessa forma, observamos que a relações vão muito além do que nos é visível. É no campo afetivo, das manifestações invisíveis que se formam essa forte identidade do Município. Outros fatores que constroem a afetividade é a liberdade que os indivíduos pertencentes às religiões afrobrasileiras e os homossexuais tem para manifestar suas opções sem que sejam alvos de preconceito e discriminação. Essa foi uma das questões levantadas pelo entrevistado “c” ao relatar a sua chegada a Beija Flor.

Não sei bem dizer o que me fez apaixonar pela escola, mas acho que foi por causa das pessoas. Quando cheguei me senti muito acolhido e a escola servia para que pudesse extravasar minhas emoções. Outro fator foi que encontrei na escola um lugar onde eu posso manifestar minha opção sexual sem ser discriminado. Eu sou homossexual e em outros lugares ainda há muita discriminação. Quando morava em Nova Venécia era ainda pior, no final dos anos 70 havia muito mais discriminação do que hoje. Imagina só uma cidade pequena, que hoje tem menos de 50 mil habitantes, imagine como era na época.

Cabe apontar que ao construir um sentimento pela escola proveniente da multiplicidade de possibilidades, o indivíduo acaba por construir também um apego e sentimento de pertencimento ao lugar, devido à representação que a escola promove fora do Município, e a forma que os líderes propõem, exaltando Nilópolis por ser sede da Beija Flor. Esse apego por Nilópolis foi percebido na fala de todos os entrevistados, da maneira que esse apego sempre vem relacionado ao apego maior pela Beija Flor. Como podemos perceber nas falas, do entrevistado “a”: “eu amo Nilópolis. Saí de Campos para Nilópolis quando eu tinha 10 anos, fiz muitos amigos, vi a cidade mudar muito, e tenho muito orgulho em morar em Nilópolis.”, do entrevistado “b” “Eu gosto muito de Nilópolis”, e do entrevistado “c”, que relata “Primeiramente significava apenas um lugar para morar, depois a cidade foi me conquistando, hoje eu gosto muito da cidade”. Outras falas bastante importantes são as dos entrevistados (d) e (e) que relataram não gostar de carnaval, não possuindo nenhuma interação direta com Beija Flor. Mesmo criticando a estrutura política mantida em Nilópolis, os dois relatam se sentir felizes em morar na cidade da Beija Flor. Diz o entrevistado “d”: “apesar de todos os problemas, me sinto feliz com a escola, por ela representar minha cidade”, entrevistado “e”: “as pessoas só conhecem o lugar que moro, por causa da Beija Flor”. Essas falas demonstram uma interessante relação indireta que alguns moradores possuem.

Durante a construção deste trabalho, foi deixado claro que a existência da Beija Flor e suas relações estão diretamente ligados com a estrutura política, essa servindo de base e interesses na atuação da escola de samba. Mesmo assim, observamos na fala da entrevistada

“a” a separação entre política e Beija Flor, onde em sua percepção, a dinâmica da escola de samba está totalmente separada dos interesses políticos. Ao ser perguntada sobre a atuação de um integrante da família Abraão na escola, a entrevistada se negou a responder falando que: “Não quero falar sobre isso! Não quero mais responder nada sobre política”.

Essa tentativa do componente de separar a política da Beija Flor, se apresenta bastante interessante, visto que a própria família Abraão faz questão de apontar essa relação. Outro elemento político que molda o funcionamento da escola é a hierarquia existente dentro dela. Nesse sentido, a própria entrevistada “a” torna-se um destaque nessa separação por fazer parte da ala das baianas da escola. Visto que segundo a própria, existe uma série de regras para se alcançar tal posto. Também podemos observar essa hierarquia na fala do entrevistado “c” que reclama do autoritarismo de integrantes da escola que alcançaram posições mais elevadas, apontando inclusive uma espécie de vaidade e rivalidade entre determinadas alas. Dessa forma, podemos compreender que a hierarquia e as estruturas políticas não só moldam as relações mais ligadas a quem dirige a escola, como apontado durante todo o trabalho, mas sim, também faz parte da realidade mais próxima aos desfiles e aos componentes que não possuem interesse direto na política do Município.

Dessa forma, observamos que a estratégia moldada e posta em prática para se construir um território simbólico no Município de Nilópolis obteve total sucesso, mantendo nos dias atuais uma forte identidade relacionada à escola de samba Beija Flor. Os indivíduos ao entrar em contato com a realidade da escola encontram na mesma um farto campo de possibilidades positivas, e acabam construindo um lugar através da afetividade, mantendo através disso o território nilopolitano e toda sua estrutura política.

## Conclusão

Com a execução desse trabalho, podemos concluir que a relação entre os moradores de Nilópolis e a Beija Flor é uma via de mão dupla, visto que a Beija Flor não teria a força atual sem a presença e a forte ligação que os moradores nutrem pela mesma, em contrapartida, sem a presença da escola, os moradores deixariam de se beneficiar de diversos fatores que a Beija Flor promove, sejam eles: sociais, assistenciais ou afetivos.

Observamos que a Beija Flor deu um novo significado ao Município, fazendo dele um dos mais conhecidos e importantes da Baixada Fluminense. Com o seu surgimento e seu sucesso, a escola proporcionou uma grande visibilidade e agiu diretamente no processo de crescimento e desenvolvimento do Município. Ao analisar a estrutura de Nilópolis, concluímos que a presença da Beija Flor é o fator único que a difere da grande maioria dos municípios da Baixada Fluminense. Diferente dos Municípios de Nova Iguaçu, que se destaca pelo seu passado e por seu forte campo comercial; e do Município de Duque de Caxias que se destaca pela presença de indústrias e por abrigar a REDUC, O Município de Nilópolis não possui elementos de destaque, como a grande maioria dos Municípios da Baixada. Portanto, Nilópolis assume tal significação na região e fora dela exclusivamente por seu viés cultural.

Também podemos observar a importância da Beija Flor para o morador que não interage diretamente com os ensaios, desfiles e atividades promovidas. Esses acabam indiretamente atingidos com o aumento do auto estima por serem do Município de Nilópolis, mesmo os que declararam não gostar de carnaval, nem de samba e não acompanhar os desfiles das escolas de samba.

Também podemos concluir que a estratégia elaborada nos anos 70, que visava à utilização da escola de samba como um objeto de poder, que viria manter e expandir a estrutura política local obteve total sucesso em sua execução. Nesse sentido, Nilópolis foi construindo e hoje possui um território simbólico relacionado à escola de samba Beija Flor. Nessa dinâmica, o poder local usufrui dos benefícios, fruto do sucesso alcançado, em especial angariando a simpatia da população, que acaba refletida nas urnas, nos processos eleitorais a nível municipal, estadual e federal.

Outro tipo de relação que não podemos deixar de mencionar é a dos componentes que não moram em Nilópolis. O trabalho de campo nos revelou a presença de componentes da escola que moram muito longe de Nilópolis, como nos bairros da Tijuca; Ilha do Governador e Méier. Esses indivíduos encontram na quadra da Beija Flor um lugar onde se relacionam

através da afetividade e se sentem pertencentes aquele espaço físico e a escola. Porém, o Município de Nilópolis se apresenta para esses indivíduos como um não-lugar, visto que por mais que eles venham a conhecer a estrutura e a dinâmica do Município, não é a existência do mesmo que os faz se deslocar de locais distantes, mas sim a existência da escola de samba e suas atividades. Em outras palavras, se por ventura a Beija Flor pertencesse a um outro Município, esses indivíduos se relacionariam com a escola da mesma forma, para eles, o espaço físico da quadra é que é importante no processo de aproximação que afetividade que ele nutre pela Beija Flor.

Para os moradores, a escola se apresenta positivamente através de suas ações sociais e assistencialistas, mas principalmente sob o aspecto afetivo e simbólico. Observamos que essa ligação foi sendo construída em paralelo ao maior sucesso e reconhecimento que a Beija flor foi conquistando. Para concluir, como dito anteriormente, o Município de Nilópolis ganhou notoriedade e reconhecimento internacional por causa da Beija Flor, se destacando dos municípios vizinhos. Não fosse o surgimento, o crescimento e a consolidação da Beija Flor, Nilópolis hoje não possuiria tal visibilidade, e seria conhecida apenas como o menor Município da Baixada, e apareceria muito pouco nas matérias de TV, e freqüentaria em menor escala as páginas dos jornais e revistas.

## Referências

ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP – Instituto Pereira Passos, 2010

BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. Cárcere da razão: o aprisionamento de sambistas no universo cartesiano. 1998. 133 p. Monografia apresentada ao curso de graduação em psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel, Niterói.

CARDOSO, Ernesto. Nilópolis hontem e hoje. Rio de janeiro, L e J Berkowitz, 1938.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Florianópolis: EDUSC, 2007

CORRÊA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 167-186.

COSGROVE, Denis E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

COSGROVE, D. E. JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003b. P.135-146.

DUNCAN, J. – O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In *Introdução à Geografia Cultural*, org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003. (original de 1986)

DURKHEIM, Émile. (1968). Les formes élémentaires de La vie religieuse: Le Système Totémique em Australie. 5 ed. Paris, PUF. Apud ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 187-224

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de janeiro: graal, 1979.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ANAIS DO IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR. Vol. 3, 2005, Rio de Janeiro. ANPUR.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: \_\_\_\_\_. Território e territórios. Programa de pós graduação em Geografia. Niterói: PPGEO – UFF/AGB, 2002.



HOLZER, W. (1992). A geografia humanista – Sua trajetória de 1950 a 1990. Dissertação de mestrado, departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, datil, 2 volumes

IBGE 2010. Censo populacional. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: (01 de Dezembro de 2010).

ISANRD, H. (1982). O espaço geográfico, Coimbra, Almedina, 1982.

MELLO, João.Baptista.Ferreira de. (1991) O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira – 1928-1991. Uma introdução à Geografia Humanística. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NOGUEIRA, Marcus Antonio Monteiro. A Freguesia de São Mateus – 1634 /1900. RJ: C.M.D.C,1987.

NOGUEIRA, Marcus Antonio Monteiro. Memorial Nilopolitano. Tomo 1. Nilópolis: Lola, 2009

NOVOS LARES. A História dos Judeus em Nilópolis. Produção de Radamés Vieira. Rio de Janeiro: Prosol Produções, 2009. 1 DVD ( 77 minutos ):Son. Color. Português.

OLIVEIRA, Cláudio. Nilópolis Uma feliz cidade, Nilópolis, Fundação Padre Mateus, 2000

OTTO, R. (1992). O sagrado. Lisboa, Edições 70 Apud ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 187-224

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 187-224

SACK, R. 1986. Human Territoriality : its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press. Apud HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ANAIS DO IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR. Vol. 3, 2001, Rio de Janeiro. ANPUR.

SANTOS, Milton. Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico. In: Espaço e Método. São Paulo, Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAUER, C. O. Geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. (original de 1931)

SIMÕES, Manoel Ricardo. A cidade estilhaçada: Restruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense [Tese de Doutorado]. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006

SITE DA BEIJA FLOR DE NILÓPOLIS. Disponível em: <[http://beija-flor.com.br/\\_\\_\\_2011\\_novo/index.html](http://beija-flor.com.br/___2011_novo/index.html)>. Acesso em: (22 de Novembro de 2010).

SITE DA PREFEITURA DE NILÓPOLIS. Disponível em: <<http://www.nilopolis.rj.gov.br>>. Acesso em: (22 de Novembro de 2010).

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território; sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. CASTRO, I. E. de; GOMES, P.C. da C. e CORRÊA. R. L. (Orgs). *Geografia Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

TORRES, Gênesis (org.). *Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política*. São João de Meriti/RJ: IPAHB Ed., 2004

TUAN, Yu-Fu. 1978. "Sacred space. Exploration of na Idea". In: *Dimension of human Geography*, org. por K.Butzer. Chicago, Department of Geografphy/The University of Chicago, pp. 615-632 apud ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 187-224

WAGNER, P. e MIKESELL, M. – Os Temas da Geografia Cultural. In *Introdução à Geografia Cultural*, org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003. (original de 1962).